

RESGATANDO ORALIDADES PARA A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA E DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA BRASILEIRAS: O PRIMEIRO COLÓQUIO BRASILEIRO DE MATEMÁTICA

Antonio Vicente Marafioti Garnica¹
José do Carmo Toledo²

UMA INTRODUÇÃO

No mês de abril de 2003, como uma atividade do V Seminário Nacional de História da Matemática reuniram-se, na UNESP de Rio Claro, para uma mesa-redonda – coordenada pelo professor Ubiratan D’Ambrósio –, a professora Elza Furtado Gomide e os professores Chaim Samuel Hönig, Lindolpho de Carvalho Dias e Alberto de Carvalho Peixoto de Azevedo. O tema das discussões foi *o Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática*, um evento emblemático, de singular importância para o desenvolvimento da Matemática Brasileira.

O texto ora apresentado é o que temos chamado, em História Oral, “uma textualização” dessa mesa redonda. A iniciativa de resgatar fontes orais e transformá-las em texto escrito para divulgação em periódicos acadêmicos é um projeto³ do Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM), cuja intenção é recuperar fontes dispersas,

¹ Professor livre-docente do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências – UNESP – Bauri e do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro.

² Professor da Universidade Federal de São João del-Rei e doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro.

³ O projeto “Resgatando oralidades para a História da Matemática e da Educação Matemática brasileiras”, apoiado pelo CNPq, iniciou-se com a textualização de um seminário ocorrido em 1991, sobre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Garnica, 2007a) e a textualização de uma mesa redonda sobre o Movimento Matemática Moderna já foi finalizada e submetida à publicação (Garnica, 2007b).

fixadas em suportes menos duráveis (como as fitas de vídeo ou fitas K7) ou mais dificilmente “operacionalizáveis” no que diz respeito ao estudo que pretendemos fazer de seu conteúdo. Para tanto, materiais são coletados e inicialmente transcritos, degravados⁴, a partir do que passam por várias fases – denominadas textualizações –, quando são preenchidas lacunas, reordenadas passagens e minimizados os chamados vícios da oralidade, já que linguagem oral e escrita são formas muito distintas de expressão. A textualização é, portanto, um tipo de edição dos suportes em referência, mas diferenciada, por exemplo, daquela do jornalismo usual, pois tenta preservar o “tom” do depoente, ainda que ele já esteja irremediavelmente impregnado – pela própria natureza do processo e pela manipulação do textualizador – dos desejos, necessidades e tons desse agente que toma nas mãos a tarefa de textualizar. O que foi dito, como foi dito, nas circunstâncias em que foi dito é evanescente, sempre foge, sempre escapa. Resta a esperança de que o depoente – ou aqueles que, junto dele, viveram as experiências relatadas – se reconheça na leitura da experiência fixada pela escrita do outro.

Do ponto de vista técnico (que nunca é “meramente” técnico, pois também nas entrelinhas da técnica exercitam-se desejos), foram conferidos tão detalhadamente quanto possível grafias, datas, locais etc., e preenchidas algumas (poucas) lacunas que o diálogo entre os participantes da mesa redonda deixava abertas. Para informações mais pontuais, foram consultadas as obras listadas na bibliografia e os *sites* indicados nas notas de rodapé. Além disso, contamos com apoio – já usual nesse projeto do GHOEM – do professor Ubiratan D’Ambrósio.

Nos trabalhos em História Oral, à textualização segue um momento de conferência do registro pelos depoentes. Até por questões jurídicas, solicita-se desses colaboradores, após esta checagem, uma carta de cessão de direitos para o uso da entrevista pelo pesquisador. Isto não se aplica aqui posto que a fita de áudio a que tivemos acesso era, já, um documento público.

⁴ A degravação da fita de áudio (a única fonte existente, posto que a mesa redonda não foi gravada em vídeo) foi feita por José do Carmo Toledo. Letícia Batagello – estudante da Licenciatura em Matemática da UNESP de Bauru – reviu e, quando necessário, complementou a primeira degravação. A textualização e inclusão de notas foram feitas por Antonio Vicente Marafioti Garnica, e conferidas por José do Carmo Toledo.

Finalmente, uma vez executadas a transcrição, textualização e conferência, inicia-se um movimento de análise que, neste caso, não foi realizado, posto que o interesse principal é o da divulgação da fonte histórica.

A TEXTUALIZAÇÃO

PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Para compor a mesa, eu gostaria de convidar a professora Elza Furtado Gomide⁵, o professor Chaim Samuel Hönig⁶, o professor Lindolpho de Carvalho Dias⁷ e o professor Alberto Peixoto de Azevedo⁸.

A idéia de realizar esta mesa, nesse Seminário Nacional da História da Matemática, é relembrar o primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática, que se realizou em 1957, e foi um marco na Matemática brasileira. Foi um momento, pode-se dizer, em que a Matemática brasileira entra na sua maturidade ou que, pelo menos, se prepara para a maturidade (que nós estamos alcançando muito bem). Foi um momento decisivo em que o Brasil se viu como um país com pesquisadores,

⁵ Nascida em 1925, a professora Elza Gomide graduou-se em Matemática pela Universidade de São Paulo em 1945, e seu doutorado, obtido na USP, no ano de 1950, com a tese Sobre o Teorema Artin-Weil, foi orientado por Jean Delsarte e Omar Catunda (era usual, à época, dada a novidade da formação em pós-graduação, que os trabalhos de doutorado fossem desenvolvidos sob a orientação de professores brasileiros e, formalmente, acompanhadas por matemáticos estrangeiros que, por terem sido visitantes na Universidade de São Paulo, continuavam a parceria com a Instituição). Dona Elza aposentou-se compulsoriamente em 1995, mas continuou como colaboradora da graduação e da pós-graduação da USP até o ano de 2000.

⁶ O professor Chaim Samuel Hönig nasceu em Berlim, Alemanha, em 1926. Graduou-se pela USP em 1949. Seu doutorado, de 1952, Sobre um Método de Refinamento de Topologias, integra o que Silva (1996) chama de “segunda fase de doutoramentos na USP”.

⁷ Lindolpho de Carvalho Dias, nascido em 1930, formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1954 e doutorou-se pela mesma Universidade em 1961. Foi Diretor do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) nos períodos de 1965 a 1969 e de 1971 a 1980, tendo exercido vários cargos no CNPq, CAPES, Ministério de Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação, Organização dos Estados Americanos, e na Comissão Fulbright.

⁸ Alberto de Carvalho Peixoto de Azevedo nasceu em 1933 na cidade de São Paulo. Graduou-se em Engenharia Eletrônica no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) em 1955 sofrendo a influência do professor Francis Dominic Murnaghan. Seu doutorado foi obtido nos Estados Unidos, na década de 1960, sob orientação de Shreeram Sankhar Abhyankar.

espalhados por todo o território, em vários estados, e esses pesquisadores, durante este Colóquio, se encontraram. Isso foi em 57. Eu diria que a maioria aqui nem tinha nascido. Era um momento em que não havia contatos por *e-mail*, telefone era difícil, tudo era por correspondência, não havia xérox (o único meio de imprimir coisas era através de um mimeógrafo), transporte era uma coisa difícil... A proeza de reunir gente do Brasil todo e alguns estrangeiros que vieram aqui participar do Colóquio foi uma coisa notável – eu diria – como esforço para a época. Qual a filosofia por trás disso – o motivo desse Colóquio – e o planejamento – quais conseqüências se esperava desse Colóquio? Do ponto de vista da História, em particular da História da Matemática, é um fato que deve ser não só lembrado, mas registrado e tornado público para que todos tenham uma percepção de um momento dentre os momentos mais fundamentais (ou talvez o mais fundamental) para a evolução da Matemática no Brasil e que oferece, obviamente, possibilidade de outros trabalhos em seguida.

Para falar sobre o Colóquio, ninguém melhor do que aqueles que dele participaram. Era muita gente:⁹ cinqüenta e poucos matemáticos brasileiros reunidos lá. Aqui, nessa reunião, nós temos uns trezentos; no primeiro Colóquio, eram cinqüenta e poucos. Desses cinqüenta e poucos, muitos já se foram. Os que aqui estão têm ainda muitas boas memórias daquele evento, que foi memorável, foi gostoso: nós todos nos reunimos num mesmo lugar, num hotel – o Palace Hotel de Poços de Caldas. Muitos – e eu me incluo nesses “muitos” – não teriam condições de ir para um hotel dessa categoria se não fosse um evento como esse. Um hotel no qual toda noite, para jantar... só podíamos jantar se fôssemos de terno e gravata, e durante o jantar ... uma orquestra tocando durante o jantar... Quer dizer, uma coisa hoje quase que impensável. Então vocês vejam o clima desse Colóquio: nós conseguimos fazer um Colóquio num hotel – o Palace Hotel – que ainda hoje é um bom hotel, mas que no início do século era um hotel padrão internacional, reconhecido por todos, onde funcionava um cassino... Como o cassino foi fechado por uma lei federal (naquele tempo, o

⁹ Como se verá adiante, foi pequeno o número de participantes desse 1º Colóquio, principalmente se comparado ao dias de hoje. O que D'Ambrosio quis observar é que foi difícil escolher as pessoas para constituir a mesa redonda em tela.

cassino foi fechado), todas aquelas instalações do cassino, várias salas, estavam disponíveis. E tudo foi realizado com poucas coisas. Tudo foi realizado nesse ambiente, num belíssimo parque central, na cidade de Poços de Caldas. Nós tínhamos aulas à tarde, e o período da manhã era dedicado a estudar e se preparar para acompanhar essas aulas. Alguns cursos, algumas conferências, enfim, um ambiente acadêmico do mais alto nível, num ambiente muito agradável (do ponto de vista de convívio). Todos reunidos num mesmo local, durante 21 dias (três semanas), possibilitando um encontro: o dia inteiro nós só falávamos sobre coisas ligadas ao Colóquio, sobre os temas escolhidos. Foi efetivamente, um momento, na minha vida pessoal, um momento de referência, e para a Matemática Brasileira, sem dúvida, foi um marco.

Para fazer um evento lembrando esse Colóquio, para apresentar esse Colóquio a vocês (todo mundo ouviu falar do Colóquio, mas não tiveram ainda uma impressão viva do que foi o Colóquio), a escolha dos componentes da mesa foi, como sempre é, um desafio. E pensamos: quem vai compor essa mesa? Conversando com os meus colegas da organização – o Sérgio e o Marcos¹⁰ – nós achamos que seria muito interessante que todos os convidados tivessem participado efetivamente do Colóquio: nós cinco participamos do Colóquio! Mas participamos em condições distintas. O professor Chaim, da USP – naquele tempo Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – o professor Chaim foi a pessoa que concebeu e organizou, é um dos responsáveis, tendo uma comissão de apoio muito significativa na Matemática Brasileira. Ele foi o responsável, o Coordenador do Colóquio. O Colóquio é ele, e ninguém melhor do que ele para explicar o que se passou ao planejar esse Colóquio. A professora Elza – também professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo na época – participou ativamente, não só acompanhando (todos lá no departamento de Matemática estavam pensando no Colóquio, planejando o Colóquio...). O planejamento começou em junho/julho de 56 para se realizar em julho de 57. Um tempo que hoje nos parece uma coisa...

¹⁰ Sérgio Roberto Nobre e Marcos Vieira Teixeira, da Sociedade Brasileira de História da Matemática e organizadores do V Seminário Nacional de História da Matemática em Rio Claro, quando foi realizada a mesa redonda que é o objeto dessa textualização.

como é possível fazer isso sem *e-mail*, sem telefone, sem xerox... nada disso? Foi feito! E a professora Elza participou ativamente nisso, com outros colegas – em particular os professores Augusto Bechara e Carlos Benjamin de Lyra. A professora Elza foi uma das pessoas muito ativas nesse planejamento do Colóquio, e ela vai também nos falar das impressões dela, da atuação dela (que fez algumas conferências no Colóquio) e lembrar a figura desse professor querido, colega querido que se foi muito cedo.

Mas ao Colóquio não foram só professores. Os professores eram aqueles que foram dar aulas, dar os cursos. No Colóquio, havia aqueles que iam assistir (o que, hoje, nós chamaríamos de estudantes de pós-graduação, jovens que estavam começando a sua carreira). Desses, nós três estamos aqui. Desses três, um deles, por circunstâncias muito especiais, o professor Lindolpho de Carvalho Dias, também foi membro da Comissão Organizadora e participou muito ativamente na organização. Penso que o depoimento dele também vai ser interessante, não só como aluno – que estava fazendo os cursos –, mas também como uma pessoa que participou das etapas de planejamento. E o professor Alberto de Azevedo e eu, nós dois, estávamos lá só para assistir aulas, pra aprender, pra estudar; e pra mim, foi uma das experiências, eu repito, um dos momentos de minha vida, não só da minha vida acadêmica, profissional, mas também da minha vida pessoal, um dos momentos muito, muito, muito marcantes. Foram três semanas que me marcaram muito, sob todos os pontos de vista.

Espero que essa hora e meia que nós vamos passar aqui também seja marcante para vocês. Professor Chaim, por favor. A idéia é que cada um use entre 15 e 20 minutos. O professor Chaim talvez fale um pouco mais porque a coisa que ele tem a falar é vasta... Depois abrimos para uma discussão, para algumas perguntas de vocês. Chaim, por favor. Eu farei um sinalzinho quando chegar perto!

PROF. CHAIM SAMUEL HÖNIG. Eu quero agradecer, inicialmente, ao professor Ubiratan e à Comissão da Sociedade – a honra de ter sido convidado para falar sobre o Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática. Eu ia fazer um panorama histórico, mas com as coisas que já foram faladas aqui, que o Ubiratan falou, muitas dessas coisas já foram ditas e

eu não preciso repeti-las aqui. Da “pré-história” apenas vou dizer o seguinte: as primeiras reuniões de Matemática, no sentido de Matemática moderna¹¹, como nós a entendemos hoje – eu não gosto da palavra “moderna”, não é? – foram no ITA, começaram no ITA¹², em 1952. O Chefe do Departamento de Matemática -do ITA (Carlos ...)¹³ conseguiu para nós casas no ITA, para que pessoas interessadas pudessem em ir até lá, ficar um mês, e só fazer o que quisesse em Matemática. Bom. Éramos dez os que fomos lá. Eram os que estavam interessados em Matemática moderna – a Matemática como é feita hoje. E a reunião, a primeira reunião, durou um mês. Ficamos mais de um mês lá, com casas a nossa disposição...

O passo seguinte foi a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, em 1956, em Ouro Preto. Eu fiz uma conferência lá, e no fim da conferência, me fizeram um monte de perguntas sobre a chamada Matemática moderna (topologia, álgebra etc.). Eu fiquei surpreso com esse interesse por essas áreas e, na volta, eu

¹¹ Por “Matemática moderna” o professor Chaim refere-se à Matemática contemporânea avançada, cuja introdução no Brasil deu-se principalmente por conta da vinda de missões estrangeiras de matemáticos europeus e americanos. Na origem dessa modernização estão, dentre outros, mas principalmente, os trabalhos realizados pelo Grupo Bourbaki. Essa mesma Matemática “moderna” influenciará decisivamente um movimento que nos anos de 1950 a 1970 determinou estratégias didático-pedagógicas para as escolas: o Movimento Matemática Moderna (Cf. Garnica, 2007b).

¹² “Em 1948 foi fundado em São José dos Campos o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, cuja organização foi inspirada no Massachusetts Institute of Technology. Foram contratados os matemáticos Francis D. Murnagham, responsável por uma modernização dos cursos básicos com tratamento matricial. Também foi contratado o matemático chinês Kuo-Tsai Chen. Esses institutos [alguns centros universitários de pesquisa matemática existentes, o ITA e mesmo as Universidades Federais recentemente instituídas] mantinham pouca relação entre si. A situação mudou a partir da criação do Conselho Nacional de Pesquisas/CNPq em 1951 e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada/IMPA, em 1952.” (D’Ambrósio, 1999 – inclusão nossa).

¹³ O matemático irlandês Francis D. Murnagham (1893-1976) chegou ao Brasil em 1949, vindo da Johns Hopkins University, aqui permanecendo como professor do Departamento de Matemática do Instituto Tecnológico da Aeronáutica até 1959, quando se aposentou e retornou aos Estados Unidos. Como chefe do Departamento de Matemática do ITA, Murnagham teve ao seu lado o brasileiro Francisco Antonio Lacaz Netto (1911-1991), que chefiava uma parte das atividades do mesmo Departamento de Matemática (Cf. depoimento de Leônidas Hegenberg nos arquivos históricos do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP – www.cle.unicamp.br). É a ele que o professor Chaim faz referência.

passei pelo Rio e falei com o professor Leopoldo Nachbin¹⁴ do interesse que havia, e que eu achava interessante fazermos uma reunião de Matemática, com certa duração – duas ou três semanas –, e que fossem dados cursos sobre essas disciplinas. E voltei pra São Paulo. O professor Nachbin imediatamente falou com o professor Couceiro¹⁵ no CNPq e quando cheguei em São Paulo já encontrei um telegrama... tinha sido aprovado 500 mil (não sei qual a moeda da época) para o evento. Então a gente tocou as coisas. Alguns detalhes pitorescos, além dos que foram dados: naquela época, eram muito raras as viagens no Brasil. Então, tínhamos que avisar os convidados do norte e nordeste para trazerem roupas de inverno para Poços de Caldas, porque isso – as condições climáticas que havia no sul – era completamente desconhecido. De fato, em Poços de Caldas, muitas vezes, a temperatura descia abaixo de zero, não é? Então, é claro, tinha que ter roupas de inverno.

Os dados sobre o Primeiro Colóquio: foram dados seis cursos. As condições impostas – que foram decididas em comum acordo – era de que os cursos tinham que ser redigidos com antecedência. Acima de tudo, com antecedência, porque senão muito pouco tempo sobrava, muito pouco se aproveitava dos cursos. Isso foi aprovado pela Comissão e isso foi mantido em todos os futuros Colóquios. É também o que é faz, por exemplo, o Seminário Brasileiro de Análise, que foi criado em 75, com duas reuniões por ano: o curso tem que ser redigido (curso e conferência) tem que ser redigido com anteceden-

¹⁴ Leopoldo Nachbin (1922-1993) graduou-se em Engenharia na Universidade do Brasil e viria a se destacar, já no início dos anos 50, como o primeiro matemático brasileiro de porte internacional. Seus trabalhos sobre holomorfia em dimensão infinita foram pioneiros. Figura conhecida em todo mundo, detentor da importante cátedra ‘*Eastman Professor of Mathematics*’ na Universidade de Rochester, nos Estados Unidos, Nachbin é uma influência decisiva no desenvolvimento da Matemática brasileira e na sua projeção internacional. Em 1950, a impugnação de sua inscrição para cátedra de Análise Matemática na extinta Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), pela qual concorria com José Abdelhay, deu início a uma disputa acadêmica histórica que dividiu a comunidade matemática brasileira (Cf. Garnica, 2007a; Marafon, 2001 e D’Ambrósio, 1999). Nos anos 1955/56, é oportuno registrar, Nachbin foi Diretor do Setor de Pesquisas Matemáticas do CNPq (Cf. Barroso & Nachbin, 1997, p. 19).

¹⁵ Trata-se de Antônio Moreira Couceiro, diretor geral da Divisão Técnico-Científica do CNPq, na época em que Leopoldo Nachbin era diretor do Setor de Pesquisas Matemáticas.

cia. Isso assegura um bom aproveitamento do evento e, no caso do Colóquio, isso deu origem à literatura matemática brasileira. Antes disso, não havia cursos redigidos, não havia livros de Matemática avançada etc. Só em 57 tivemos seis cursos redigidos e, depois, em todos os Colóquios isso se repetiu, dando lugar, então, como eu disse, à literatura matemática brasileira.

Tivemos seis cursos e quinze conferencistas. A duração do evento foi de três semanas. Os seis cursos foram os seguintes (a duração média dos cursos era de cinco a quinze exposições; tem que ficar claro por que). Os cursos foram:

Um curso foi o do professor Carlos Benjamin de Lyra: *Topologia Algébrica*; depois, um Curso de *Análise Funcional* que tinha quinze exposições com os seguintes tópicos: o professor Nelson Onuchic¹⁶ deu *Espaços de Banach e Espaços de Hilbert*; o professor Domingos Pisanelli e o professor Cândido Lima da Silva Dias¹⁷ deram *Introdução a Espaços Vetoriais Topológicos e suas Aplicações à Análise Funcional*; o professor Pereira Gomes deu o curso *Elementos de Teoria das Distribuições*; o professor José de Barros Neto deu o curso de *Espaços Vetoriais Topológicos*.

¹⁶ Nelson Onuchic (1926-1999), natural de Brodósqui (SP), licenciado em Física pela Universidade Mackenzie e doutor pela USP sob a orientação de Chaim Höning, trabalhava como professor assistente do Departamento de Matemática do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) em São José dos Campos (SP) quando foi convidado para organizar o setor de Matemática da então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro. Nelson Onuchic mudou-se para Rio Claro em 1959, com sua esposa, professora Lourdes de la Rosa Onuchic que era, desde 1955, professora do Instituto de Educação em São José dos Campos. Com a contratação de vários docentes (entre eles o professor Mário Tourasse Teixeira), o segundo curso de Matemática do interior do estado de São Paulo (o primeiro foi o da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) recebe sua primeira turma no ano da chegada do professor Nelson a Rio Claro (Cf. Mauro, 1999 e Garnica, 2007b).

¹⁷ Cândido Lima da Silva Dias (1913-1998), formado com a primeira turma da Universidade de São Paulo, foi assistente de Luigi Fantappiè. Segundo D'Ambrósio, "Fantappiè (1901-1956) introduziu o conceito de funcional analítico, sempre acompanhando os conceitos da análise, nesse caso, função analítica. Ele trouxe essas idéias para o Brasil e aqui teve inúmeros discípulos, dentre os quais se destacam Omar Catunda (1906-1986), Cândido Lima da Silva Dias e Domingos Pisanelli, que deram importantes contribuições à teoria dos funcionais analíticos.. Com Omar Catunda (1906-1986), Fernando Furquim de Almeida, Benedito Castrucci (1909-1995) e Edison Farah (1915-2006), o professor Candido integra o grupo dos primeiros cinco catedráticos da Seção de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Além disso, havia os seguintes cursos: o professor Luiz Henrique Jacy Monteiro¹⁸ deu um curso de *Teoria de Galois*. (Todos transformados em livros). O professor Fernando Furquim de Almeida deu um curso de *Teoria dos Números*; eu dei um curso de *Álgebra Multilinear e Variedades Diferenciáveis*; o professor francês Reeb¹⁹ deu o curso *Variedades Folheadas (Variétés Feuilletés)*. Além disso, houve uma conferência com o professor chinês Chen²⁰ (mas esse não foi redigido).

¹⁸ Luiz Henrique Jacy Monteiro (1918-1975), conhecido matemático brasileiro cujo doutorado foi desenvolvido sob a orientação de Oscar Zariski, na Universidade de São Paulo.

¹⁹ Sobre Georges Reeb e os intercâmbios França-Brasil, reproduzimos o depoimento de Jacob Palis, em 2005: "A primeira notícia que se tem de intercâmbio Franco-Brasileiro em Matemática data de 1854 com a ida de Joaquim Gomes de Souza, conhecido como Souzainha (ver Nota seguinte), a Paris. Em 1854, Souzainha, então com 25 anos, visitou Paris onde ouviu palestras proferidas pelo grande matemático Augustin-Louis Cauchy. Conta a lenda que fez intervenções consideradas valiosas pelo sofisticado cientista francês e, a partir daí, tornaram-se amigos. Por outro lado, o primeiro grande matemático francês a visitar o Brasil provavelmente tenha sido Emile Borel em 1922, a convite de Amoroso Costa, um de nossos poucos matemáticos de então. Curiosamente, Borel havia sido eleito para Academia de Ciências da França no ano anterior. Também foi membro do Parlamento francês e, durante alguns meses, Ministro da Marinha da França. Em nossa Academia Brasileira de Ciências, Borel proferiu palestra sobre Relatividade e Curvatura do Universo, no contexto da comemoração do Centenário de nossa Independência. Tal fato certamente foi muito auspicioso e significativo, forjando laços científicos entre os dois países, particularmente na área de Matemática, em ocasião tão especial para o Brasil. /.../ no período que vai desde logo após a Segunda Guerra Mundial até o final dos anos cinquenta, tivemos a presença dentre nós, por períodos de até dois anos, de um quase inacreditável contingente dos mais notáveis matemáticos franceses da época: André Weil, Jean Dieudonné, Jean Delsarte, Laurent Schwartz – Medalha Fields 1950, Charles Ehresman, Alexander Grothendieck – Medalha Fields 1966, Georges Reeb, Jean-Louis Koszul, Roger Godement, François Bruhat, dentre outros. Tais visitas ocorreram principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, mas cabe também mencionar Recife. Dentre os matemáticos brasileiros que mais se beneficiaram de tão extraordinário grupo de cientistas franceses, Leopoldo Nachbin merece um destaque especial. Nachbin teve a influência direta de Jean Dieudonné e Laurent Schwartz e, até certo ponto e de maneira mais indireta, de Alexander Grothendieck. /.../ Cabe ainda citar Maurício Peixoto /.../. De forma bastante intensa, ele trocou idéias com Georges Reeb sobre folheações e redigiu um texto sobre o tema, baseado em curso proferido por Reeb no Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática, em 1957". (Disponível em <www.abc.org.br>; acesso em 07/11/2007).

²⁰ Kuo-Tsai Chen (1923-1987) obteve seu doutorado com Samuel Eilenberg na Columbia University, em 1950. Em 1952 foi indicado para a cadeira de conferencista na Universidade de Hong Kong de onde saiu em 1958 para integrar o corpo docente do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, onde permaneceu até 1962. Retornou aos Estados Unidos para ocupar a posição de professor associado junto à Rutgers University, de onde seguiu para a State University of New York em Buffalo até chegar a catedrático na Universidade de Illinois onde ficou, por vinte anos, até sua morte em 1987.

Depois havia o volume de conferências. Foram publicadas três conferências, conferências isoladas. Na realidade, houve quinze conferências, muitas delas (a maioria delas) não foi redigida. Um aspecto que o Ubiratan lembrou é que esses cursos pré-redigidos foram reproduzidos em algo que talvez a maioria de vocês não conhecem: o mimeógrafo (risos). Isso no Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia. Ficávamos girando a manivela para imprimir, para rodar todos esses volumes.

O Primeiro Colóquio teve quarenta e nove participantes. Contou com o auxílio do CNPq e da CAPES. Os auxílios eram generosos: dava perfeitamente para cobrir a estada em Poços de Caldas, transporte...

Uma pergunta feita muitas vezes é “Qual o critério da escolha dos cursos?” Não havia critérios para a escolha dos cursos! Foram convidados para dar cursos todas as pessoas que trabalhavam em Matemática que era considerada atual. E era esse grupo de pessoas. Eu lembro que, desenvolvendo atividade matemática havia muitas centenas de professores de Escolas de Engenharia... Escolas de Engenharia. Mas o que eles ensinavam era a Matemática de um século, um século e meio atrás, não é? Havia pessoas isoladas, antes, que se interessavam pela Matemática atual. Quer dizer, havia um, antes, o Souza²¹; depois, havia algumas poucas pessoas no século passado, nas décadas de 20 e 30: Lélío Gama²²,

²¹ “A Academia Militar foi transformada em Escola Militar da Corte em 1839 e em 1842 foi instituído o grau de Doutor em Ciências Matemáticas. O primeiro doutorado foi concedido a um jovem maranhense, Joaquim Gomes de Souza (1829-1863), o ‘Souzinha’, sobre quem prevalecem lendas e mitos e de quem se conhecem alguns fatos. /.../ Sua dissertação, apresentada como tese de doutoramento na Escola Militar em 1848, trata de estabilidade de sistemas de equações diferenciais. A partir dessa tese ele avançou consideravelmente em suas pesquisas e em viagem à Europa, em 1855 e 1856, apresentou comunicações em Londres e em Paris, obteve um grau de Medicina na Sorbonne e publicou, pela prestigiosa editora F. A. Brockhaus, de Leipzig, uma antologia poética. Voltou ao Brasil e assumiu cargos políticos, sendo inclusive nomeado Deputado representando o Maranhão no Congresso do Império. Suas intervenções, defendendo a autonomia dos três poderes, imediatamente criaram uma situação de confronto com os políticos mais tradicionais. Em 1863, Souza retornou à Europa, onde morreu em Londres nesse mesmo ano. Sua obra matemática, talvez menos importante que sua presença política no Segundo Império, ficou disponível na forma de memórias póstumas, publicadas em 1882 com o financiamento do governo brasileiro. Outra importante obra, uma teoria geral do conhecimento em vários volumes, inacabada quando de sua morte, jamais foi encontrada” (D’Ambrósio, 1999).

Alencar²³... E era isso. Pessoas que, por conta própria, se interessava pela Matemática, pela boa Matemática feita na época. E, em São Paulo, havia o... (como era o nome desse que faleceu, diretor da Politécnica? O que fundou a Universidade?) Theodoro Ramos²⁴. O Theodoro Ramos escreveu, inclusive, um livro de Cálculo Vetorial em francês, publicado na França, não é? Theodoro Ramos estava ao par das coisas que se fazia. Mas acho que eram esses três nomes que se mantinham ao par, não é? Lélío Gama escreveu um livro de Teoria de Conjuntos e Topologia²⁵ que é um livro até hoje perfeitamente aceitável, não é?

²² Lélío Itapuambyra Gama (1892-1981) “teve importante papel nas várias fases da renovação da matemática brasileira. Foi professor da efêmera Universidade do Distrito Federal, fundada em 1935 e fechada em 1938. /.../ Gama destacou-se como professor e pesquisador. Foi responsável pela introdução de cursos rigorosos de Análise Matemática, partindo da definição de números reais por cortes de Dedekind e de uma definição rigorosa de limites e continuidade” (D’Ambrósio, 1999).

²³ “Com a Proclamação da República em 1889, inicia-se uma fase que, do ponto de vista matemático e científico em geral, pouca inovação trouxe ao país. O Império havia visto o florescimento do positivismo de Auguste Comte e a República efetivamente foi proclamada sob o paradigma comtiano. O Apostolado Positivista no Brasil era uma força dominante. Matematicamente, isto significou a consolidação das propostas positivistas já em vigor nas Escolas de Engenharia. /.../ No início do século XX a Escola de Engenharia [do Rio de Janeiro] começou a receber impulsos de modernização. Jovens graduados, e merecem destaque Otto de Alencar Silva (1874-1912) e Manuel de Amoroso Costa (1885-1928) representam pontas de lança nessa escapada ao positivismo. Otto de Alencar preocupou-se com questões de Análise Matemática. Particularmente importante foi sua crítica à matemática de Auguste Comte, que ainda dominava o início do século XX no Brasil. Seu discípulo Manuel de Amoroso Costa fez alguns trabalhos sobre astronomia, fundamentos e convergência de séries” (D’Ambrósio, 1999).

²⁴ “Dentre os representantes do novo pensar científico na Escola de Engenharia do Rio de Janeiro está Theodoro Augusto Ramos (1895-1935), que em 1918 se doutorou com a tese Sobre as Funções de Variáveis reais, trabalho moderno que se apoiava nas tendências então correntes na matemática européia” (D’Ambrósio, 1999). Da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Theodoro segue para a Escola Politécnica de São Paulo, numa época em que estava sendo gestada a criação da Universidade de São Paulo. Theodoro Ramos não só contribuiu significativamente para a criação da USP como, mais especificamente, responsabilizou-se por convidar os primeiros professores estrangeiros – dentre os quais Luigi Fantappiè e Giacomò Albanese – para contribuir com a Seção de Matemática da Universidade recém criada (Cf. Garnica, 2007a).

²⁵ Segundo Silva (1997), “Lélío Gama, que atuou como docente de Matemática na Universidade do Distrito Federal, em 1935, foi um dos primeiros divulgadores da linguagem de conjuntos de Cantor, espaços abstratos e a formalização do grupo Bourbaki, no nosso país. Na opinião de Oliveira de Castro, foi Lélío Gama quem ministrou pela primeira vez, no Rio de Janeiro, um curso moderno sobre funções de variáveis reais, atraindo um grande público ouvinte. Outro tema importante que se tornou conhecido foram as séries numéricas, numa publicação de 1946. Esta é uma obra merecedora de análise. Um livro-texto destinado

Bom, como eu disse: ninguém foi excluído, não é? As áreas que eram de Matemática moderna, as pessoas todas foram convidadas e seus estudantes. Hoje em dia as coisas mudaram completamente: há tantas pessoas trabalhando em Matemática atual que não é possível ter um evento em que todos eles sejam convidados. Aliás, a tal ponto que, hoje em dia, você tem Escolas de Análise, Seminários de Análise, Escolas de Álgebra, Escolas de Geometria e assim por diante... Reuniões separadas, não é? Não é mais possível ter um evento que junte todas essas pessoas.

Sobre os cursos (já dei a relação dos cursos). Os cursos dados eram absolutamente aceitáveis em nível internacional. Qualquer um desses cursos – que eu cito – perfeitamente poderia ser dado em qualquer lugar e as pessoas que davam esses cursos estavam ao par dessas coisas. E, em mais da metade dos casos, as pessoas eram pesquisadores da área, com pesquisas inéditas na área. As pesquisas... os cursos que saíram nesses volumes eram de coisas que eles estavam fazendo. Por exemplo, o professor Pisanelli e o professor Cândido falaram das pesquisas que estavam fazendo, e com repercussão internacional. Claro, mesma coisa acontece com o professor Reeb – Variedades Folheadas. Esse era um assunto que estava surgindo naquela época.

Ok. Acho que o Ubiratan me deu de 15 a 20 minutos mas não se zanga se eu falar menos, não é? Era isso mais ou menos o que eu queria comunicar a vocês, dizer a vocês, e é claro que, agora, estou à disposição para responder perguntas sobre o Primeiro Colóquio. Obrigado pela atenção.

PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Nós vamos deixar as perguntas para o final. Professora Elza, por favor.

PROFESSORA ELZA FURTADO GOMIDE. O professor Chaim falou muito pouco do efeito do Colóquio, da importância do Colóquio: ainda bem que o Ubiratan falou. É que o Chaim foi o “pai do Colóquio”, não é? Então acho que ele se sente constrangido em falar da importância do filho dele, dos filhos dele, que tiveram realmente um impacto muito grande. Talvez a

exclusivamente à teoria dos conjuntos só surgiu em 1941: Introdução à Teoria dos Conjuntos de Lélío Gama, onde além das operações com conjuntos foram abordados os axiomas de Zermelo, espaços métricos, conexidade, espaços de estrutura esferoidal, multiplicação cartesiana, espaços regulares e espaços normais”.

gente nem tenha percebido, antes, no momento do Colóquio, o que depois se revelou na sucessão dos Colóquios: cada um tinha muito mais gente do que o anterior, e a gente já sentia que havia efeitos do Primeiro Colóquio em tudo aquilo que se fazia na Matemática brasileira depois do Primeiro Colóquio. O professor Ubiratan também já mencionou a diferença das condições de produção das coisas, e também a diferença dos ambientes matemáticos. Naquele tempo havia centros tão isolados... eu não sei se o Ubiratan, o Alberto de Azevedo ou o Lindolpho tiveram muito contato com gente vinda desses centros mais afastados. Essas pessoas tiveram surpresas incríveis de ver o que é que era, realmente, um ambiente matemático.

Eu acho eu acho que é quase impossível dizer da importância dos Colóquios mas, enfim, o Chaim falou pouco, não falou nada da importância – porque ele é o pai do assunto – então eu quis também frisar. O fato de serem exigidas as redações dos cursos... bom... o país não tinha praticamente – isso ele já mencionou – literatura: não tinha nada, era quase que zero, próximo de zero, no caso, a literatura em português. Ainda é muito pouco, não é? Mas é infinitamente maior do que a que havia naquela época, que era, realmente, quase zero. O contato que se teve, naquelas três semanas em que ficávamos todos reunidos, com professores de alto nível, de todos os ambientes, dos Estados Unidos ou da Europa, também teve uma importância muito grande.

Me pediram para falar (aliás, eu queria muito falar) do Carlos Lyra e pediram para falar também do Jacy Monteiro. O Carlos Lyra teve uma importância muito grande e é quase desconhecido, porque ele trabalhava numa área, a topologia algébrica, que ainda hoje tem poucos representantes e que, naquele tempo, não tinha quase ninguém. Talvez o professor Cândido tenha dado o primeiro curso de topologia algébrica no Brasil e esse curso influenciou o Lyra na escolha da carreira dele. E ele se tornou, então, um topólogo algébrico de grande relevo e produziu textos. O Lyra foi uma personalidade diferenciada. Ele morou anos nos Estados Unidos, em criança, fez o estudo secundários nos Estados Unidos e, depois, veio ao Brasil, terminada a *High School*, para o serviço militar, o que representava uma escolha de nacionalidade. Aqui chegando, ele tinha uma bagagem incrível de Matemática. Ele tinha apenas o diploma de *High School*, mas essa bagagem diz respeito a outra coisa: diz respeito à importância de contatos pessoais com professores de alto nível, matemáticos de alto nível, que

se dispunham a conversar. O Lyra, ainda estudante de *High School*, tinha contatos com Richard Courant²⁶, que era um grande matemático alemão que estava nos Estados Unidos fugido da Alemanha nazista, e viajavam de trem (eles moravam no subúrbio e iam até Nova Iorque: o Richard Courant para o Instituto que ele fundou, e o Lyra para a *High School*). E eles conversavam sobre Matemática. O Lyra tinha 17 anos, talvez. Mas o Courant tinha essa... esse dom de conversar de Matemática e teve grande importância na escolha da carreira dele. Então o LYRA chegou aqui assim. Ele não tinha nenhum estudo superior organizado de Matemática, mas ele já tinha uma bagagem matemática muito grande. Quando ele chegou a São Paulo estavam os primeiros Boubarkis, aliás, estava o primeiro Boubarki – o André Weil²⁷. Estava

²⁶ Em Göttingen, na primeira década do século XX, Richard Courant (1888-1972) foi assistente de Hilbert, tendo deixado a universidade em 1933, devido à ascensão de Hitler. Em 1936 foi convidado pela New York University para ensinar e construir um centro de pesquisas. Courant, então, organizou um núcleo de estudos avançados em Matemática Aplicada em Nova York, segundo o modelo de Göttingen. Vários matemáticos, forçados a deixar a Alemanha no período da II Grande Guerra foram encorajados por Courant a procurar posições nos Estados Unidos. De 1953 a 1958 ele foi diretor do Institute of Mathematical Sciences da New York University que, em 1964, passou a chamar-se Courant Institute.

²⁷O grupo – Nicolas Bourbaki é um pseudônimo coletivo – foi o responsável por uma modernização na Matemática, em termos teóricos, iniciada na segunda metade da década de 1930. Essa produção, que chega um pouco mais tarde ao Brasil devido à II Grande Guerra, era divulgada em fascículos conhecidos como os *Éléments de Mathématique*. Alguns desses fascículos foram engendrados ou mesmo escritos no Brasil, por professores estrangeiros e seus assistentes brasileiros, na Universidade de São Paulo. Alexandre Grothendieck (1928-), um dos membros do Bourbaki, ministrou na USP o curso de Espaços Vetoriais Topológicos, material base para um dos volumes dos *Éléments*. A primeira versão desse curso foi escrita por José de Barros Netto e circulou, inicialmente, em português. Jean Delsarte (1903-1968) tinha a intenção de escrever um texto de análise que integraria o *Éléments de Mathématique*. A análise e, mais especificamente, a integração, foi tema de um curso ministrado na USP. Edison Farah sistematizou as notas desse curso. Outros matemáticos do Bourbaki que estiveram no Brasil foram Weil (1906-1998) e Dieudonné (1906-1992). Foi Levi-Strauss quem sugeriu ao professor André Dreyfus, um dos criadores da Universidade de São Paulo e, à época, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o nome de Weil para vir ao Brasil. (Cf. Garnica, 2007a e Pires, 2006). Segundo D'Ambrósio (1999): “Enquanto estavam em São Paulo, Weil e seus colegas influenciaram e orientaram os responsáveis pelas cátedras e também alguns jovens assistentes. Alguns dos docentes passaram uma temporada no exterior: Omar Catunda (Princeton, USA), Cândido Lima da Silva Dias (Harvard, USA), Luiz Henrique Jacy Monteiro (Harvard, USA), Chaim Samuel Höning (Paris), Carlos Benjamin de Lyra (Paris). Eram estágios de pesquisa, mas os doutorados sempre se faziam na Universidade de São Paulo. Em 1947 Weil aceitou uma posição em Chicago. Em sua autobiografia, Weil diz: ‘Minha permanência no Brasil, com todos os seus muitos prazeres, não poderia continuar para sempre. A cadeira que eu ocupava teria que ser, mais cedo ou mais tarde, reivindicada por um matemático brasileiro’”.

também o professor Zariski²⁸ (que não era Boubarki, era um professor americano). O professor André Weil, um grandíssimo matemático, também conversou muito com o Lyra, em passeios pelo bairro onde morava o André Weil. E foi só depois disso que o Lyra entrou na Universidade de São Paulo e fez o curso de graduação. É muito difícil imaginar o que ele já era antes de fazer esse curso de graduação, que ele fez com enorme brilhantismo. Depois ele foi à França (acho que foi duas vezes à França) e mais tarde foi aos Estados Unidos (ele foi para o *Institute of Advanced Studies*²⁹) e se formou como um excelente matemático, nessa especialidade que ele tinha escolhido, que era praticamente inexistente no país – a Topologia Algébrica – que até agora, ainda, tem poucos representantes. Ele não foi só isso. Ele teve muitas habilidades porque com essas atitudes e interesses que ele tinha revelado já tão cedo, ele trabalhou na difusão da ciência brasileira, ajudando a todos os ramos. A prova disso é que ele foi eleito pra Academia Brasileira de Ciências³⁰ com uma votação, pelo país inteiro, por cien-

²⁸ Nascido em 1899, Oscar Zariski, embora paralelamente sempre estudasse matemática, cursou Filosofia na Universidade de Kiev, de 1918 a 1920, de onde segue para Roma, sofrendo a influência de Castelnuovo, Enriques e Severi. Com a ascensão de Mussolini, Zariski vai para os Estados Unidos, onde trabalha na Johns Hopkins University até 1940. Em 1945 passa um período em São Paulo, trabalhando com André Weil e em 1947, depois de atuando na Universidade de Illinois, Zariski é indicado a uma cátedra em Harvard, onde se aposenta em 1969. Em 1950 orienta o trabalho de doutorado de Luiz Henrique Jacy Monteiro: “Sobre as potências simbólicas de um ideal primo de um anel de polinômios”. Zariski faleceu em 1986 (Cf. Garnica, 2007a).

²⁹ Na década de 1930 o epicentro mundial no que diz respeito à Matemática estava se deslocando da Europa para a América do Norte. Fundado em Princeton, New Jersey, em 1930, o Instituto de Estudos Avançados – uma instituição acadêmica privada e independente – é um símbolo emblemático dessas transformações pelas quais passava a ciência na primeira metade do século XX. Fizeram parte do corpo de pesquisadores do Institute for Advanced Studies Albert Einstein (que permaneceu no Instituto até sua morte em 1955) e os matemáticos Kurt Gödel, John von Neumann e Hermann Weyl.

³⁰ A Academia Brasileira de Ciências foi fundada no dia 3 de maio de 1916, na cidade do Rio de Janeiro. De início, a entidade abrangia apenas três seções: Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas. Seu principal objetivo era estimular a continuidade do trabalho científico dos seus membros, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão da importância da ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país. Atualmente a Academia reúne seus membros em dez áreas especializadas: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências da Terra, Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências da Engenharia e Ciências Humanas. (Disponível em <www.abc.org.br>, acesso em 8/11/2007).

tistas de todas as áreas, uma votação que nunca tinha havido até então. Não sei se depois houve. Mas ele teve a maior votação da história, naquele momento. Porque ele era conhecido pela atividade que desenvolvia em prol da ciência. Infelizmente, ele morreu muito cedo e deixou poucas memórias. Em parte por causa da sua atuação, como matemático, num ramo com poucos representantes. O Ubiratan era um dos poucos matemáticos do ramo de topologia algébrica. Ele conhecia o Lyra; já tinha lido os livros do Lyra no Colóquio. Mas muito poucos o conheceram. Ele teve uma atuação, também, na definição da carreira universitária na USP, na Associação dos Auxiliares de Ensino da USP, que desenharam a carreira acadêmica dentro da Universidade de São Paulo. Uma carreira com muitos degraus, difíceis (o próprio Lyra, ao morrer, não tinha chegado ao topo da carreira porque ele morreu tão cedo; ele morreu após conquistar o penúltimo título, que depois deixou de existir, o título antes do de professor titular). Então esse é o perfil que eu posso traçar do professor Lyra.

Também não posso deixar de falar de outras pessoas... Bom, por que ele foi tão influente no Colóquio? Olha, eu não sei muito bem o que o Lyra fez, mas ele deve ter feito muito. O Lyra e o Chaim conversavam interminavelmente. A gente, no Departamento de Matemática, via os dois constantemente conversando sobre o Colóquio. Durante todo aquele ano – que foi o ano da organização do Colóquio (brilhante) – eles conversavam interminavelmente. O Lyra deu um curso. Depois ele organizou, coordenou o segundo Colóquio e teve atuação destacada em todos os Colóquios, em tudo que se desenhou a partir de então.

Outra figura, lamentavelmente perdida muito cedo, mas mais conhecida porque teve atuação no ensino secundário³¹, foi o professor Luiz Henrique Jacy Monteiro, que também morreu muito cedo (um ano depois do Lyra... foi uma perda após a outra). Ele produziu trabalhos incríveis. Ele era um excelente matemático, também, e criou a biblioteca do Instituto de Matemática. Ele trabalhava na confecção de

³¹ Vinculado ao GEEM – Grupo de Estudos sobre o Ensino de Matemática – Luiz Henrique Jacy Monteiro ministrou vários cursos para professores e escreveu vários livros, seguindo a estratégia do GEEM de divulgar o Movimento Matemática Moderna no Brasil (Cf. Garnica, 2007b).

textos porque (o Ubiratan já falou) a gente não tinha meios... alguém pode imaginar as dificuldades de você ter um texto escrito, mimeografado na manivela? O Jacy, felizmente, era forte, e datilografou e mimeografou infinitas apostilas, livros, textos, tudo, e ajudou, então, a criar essa literatura que era quase inexistente. Ele foi também o coordenador de um Colóquio posterior. Ele participou da Comissão Organizadora do Primeiro Colóquio e trabalhou em todos os Colóquios subseqüentes, enquanto viveu, e deixou, então, uma recordação também fortíssima.

Era sobre essas duas figuras essenciais que eu queria falar para que não se perca nunca essa memória de que eles contribuíram para a realização dos Colóquios de Matemática. Obrigada. [Aplausos].

PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Agora eu dou a palavra ao professor Lindolpho de Carvalho Dias que, como eu já disse, teve uma atuação muito importante na organização do Colóquio.

PROF. LINDOLPHO DE CARVALHO DIAS. Bom, inicialmente eu queria agradecer o convite. É para mim um prazer estar aqui em Rio Claro, nessa reunião da Sociedade de História da Matemática. Inicialmente, eu queria falar que o Primeiro Colóquio foi realizado numa época em que o Brasil era um outro país. De lá para cá, o Brasil mudou radicalmente. Pra se ter idéia, em 57, quando o Colóquio foi realizado, o número de alunos de graduação do Brasil, nas escolas superiores, era da ordem de uns sessenta, setenta mil alunos. Eu, por exemplo, eu tinha recém-formado na Escola de Engenharia, em 54. Quando entrei na Escola, o número de vagas de Engenharia, no Grande-Rio, inclusive Petrópolis, era de trezentas vagas. Hoje, acho que são mais de seis mil. A evolução no número de alunos de graduação passou de sessenta mil, setenta mil, naquela época, para três milhões atualmente. Isso dá uma idéia... A pós-graduação não existia no Brasil. Na verdade, havia títulos de doutor, dados pelas Universidades, mediante apresentação de umas teses, mas não tinha um programa de doutorado. Mestrado não existia. Os primeiros mestrados foram concedidos em 63, por aí, na Escola de Viçosa, e foi se estendendo para outros lugares. Hoje nós estamos com cento e cinquenta mil alunos de pós-graduação; formamos seis mil doutores, ano passado, e acho que uns dezoito mil mestres, ou coisa que o valha. Portanto, nós temos mais do dobro de alunos na pós-graduação, hoje, do que tínhamos na graduação naquela época. Isso mostra bem a situação que

se tinha. A indústria brasileira, me lembro bem... Em 57 eu tinha mudado para um apartamento e comprei uma geladeira. Foi uma das primeiras geladeiras que estavam sendo fabricadas no Brasil porque, até então, não se sabia fazer geladeira. Até mesmo o compressor era importado. Automóvel? Estava se pensando em montar automóvel no Brasil (quer dizer, tinha montagem de automóvel pronto, que vinha desmontado, mas a indústria estava começando). Ao norte de Belo Horizonte, se eu não me engano, com o nome de Universidade só tinha a da Bahia e a do Recife – hoje Universidade Federal de Pernambuco. A do Ceará iniciou por essa época, um pouco depois, acho que 58 ou 57... 60? Não tinha nenhuma Universidade ao norte de Belo Horizonte além dessas duas. De modo que o país era, realmente, muito mais restrito. Em 51 tinha sido criado o CNPq. Aliás, notavelmente, após uma análise da situação da Matemática no Brasil, que correspondia a um relatório feito pelo professor Cândido da Silva Dias, o CNPq, um ano depois de criado, decidiu criar o Instituto de Matemática Pura e Aplicada³², em 52. De modo que em 57 o IMPA tinha 5 anos. Isso dá uma idéia do que existia, na época: completamente diferente do que se tem hoje, não é? Eu diria que os Colóquios, a idéia do Colóquio (o Chaim e o Ubiratan já tiveram ocasião de mencionar) era de colocar os poucos matemáticos que havia no Brasil em contato, numa época em que a comunicação era feita, principalmente, por correio. O telefone era insuportável. Falar para Porto Alegre, era por rádio (telefone por rádio). O dia que estava com turbulência não se falava direito. Para

³² Excerto de depoimento do professor Candido Lima da Silva Dias, publicado em 1997: “Nachbin e eu nos aproximamos muito, depois de criação do CNPq, quando me tornei, em 1951, Diretor do Setor de Matemática do Conselho. Não [particpei da criação do CNPq]. O CNPq foi criado em 1951. Em julho, o almirante Álvaro Alberto, que era o presidente do Conselho, esteve em São Paulo e conversamos sobre o Instituto de Matemática Pura e Aplicada, que seria criado como instituto pertencente ao CNPq. Acho que [a criação do IMPA logo após a criação do CNPq] demonstra que a Matemática na época tinha prestígio. O IMPA foi o primeiro instituto criado pelo CNPq. A proposta de criá-lo completamente desvinculado da universidade era uma questão delicada: implicava fazer fora da universidade o que poderia ser feito dentro. E lá está o IMPA até hoje, não ligado à universidade e produzindo. Depois, o CNPq criou outros institutos, como o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). A criação de institutos isolados da universidade só não gerou mais polêmica porque foi muito discutida. O projeto de criação do IMPA foi apresentado em 1951 e levou um ano para maturar. No dia da votação não houve grande oposição. Mesmo em São Paulo a idéia foi bem recebida; havia relação do IMPA com São Paulo, alguns professores contratados por lá exerceram suas atividades em São Paulo, como o Alexandre Grothendieck, que esteve no Brasil entre 1953 e 1954”. (Disponível em <www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=52>, acesso em 08/11/2007).

Belém parecia uma sessão espírita em que a pessoa não estava bem convertida. (Risos). O espírito não baixava, não é? (Risos)

Houve então a convicção de que seria importante reunir as pessoas e, como já foi descrito pelo Chaim, já havia um grupo – muito pequeno, mas de muito boa qualidade – de pessoas trabalhando no Rio, em São Paulo, um núcleo em Pernambuco, algumas pessoas em Porto Alegre, de modo que isso permitiu que se partisse para essa organização. E o que foi notável é que esse Primeiro Colóquio marcou o futuro dos Colóquios, porque ele foi muito bem organizado. Aliás, em particular, eu era jovem, na época, como disse o Ubiratan. Nós três éramos ainda estudantes, já assistindo cursos no IMPA (eram cursos depois da graduação, mas não era um curso organizado de pós-graduação³³).

Eu acabei fazendo parte da comissão por um fato ocasional. Como eu sou nascido em Poços de Caldas e tinha família em Poços de Caldas, eu fui um elemento de ligação entre a comissão e as autoridades de Poços. Daí eu ter feito parte da comissão. Muitas vezes se confunde isso e ocorre dizerem que o Colóquio foi para Poços de Caldas porque eu sugeri essa idéia. E eu não. Não é verdade. Isso é mais ou menos como diz o Alckmin, que pra história os fatos são irrelevantes, pois o que interessa são as versões³⁴.

O que aconteceu foi o seguinte: a idéia inicial era fazer a reunião em São José dos Campos (também se pensou na Universidade Rural do Rio). São José dos Campos não deu certo e estava uma dúvida grande...

³³ Segundo Silva (1996), “Na década de 1940, talvez por influência dos professores italianos que trabalharam em São Paulo na década de 1930, foi instituído na USP, por meio do Decreto n. 12511, de 21 de janeiro de 1942, o grau de doutor. Para o caso da Matemática foi instituído o grau de doutor em Ciências. Este grau de era obtido por meio de um concurso. Nesse período, que chamamos de primeira fase de doutoramentos na USP, foram poucos os que ali se doutoraram. /.../ Sobre a segunda fase de doutoramentos na USP encontramos, em outubro de 1952, a aprovação do decreto n. 21780, do governo paulista, que instituiu o Regimento do Doutorado na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Relembramos que, nestas primeiras duas fases de implantação de estudos especializados em Matemática na USP, não houve no Brasil um programa de doutoramento stricto sensu.”.

³⁴ Referência a uma frase de Geraldo (José Rodrigues) Alckmin (Filho), à época iniciando seu segundo mandato consecutivo como governador do Estado de São Paulo. Frase de mesmo teor voltaria à cena quando da disputa pela presidência, em 2006.

Aqui em São Carlos³⁵ também foi pensado. Aí o professor Cândido, que conhecia bem Poços de Caldas, sugeriu a idéia de fazer em Poços de Caldas. De modo que a idéia de fazer em Poços de Caldas não foi minha: foi do Cândido. Mas por eu ser de lá, acabei ajudando na Comissão.

Outra coisa que eu gostaria de chamar a atenção é que, feito esse Colóquio, ao finalizar o Colóquio, dado o sucesso que ele teve, apesar do número pequeno de pessoas (como já foi dito, compareceram 49 pessoas; coloque pelo menos mais umas 4 ou 5 pessoas que foram lá fazer conferências...). Talvez valesse a pena lembrar o nome das pessoas que fizeram conferências. Eu tenho aqui: o professor Achille Bassi³⁶ (só foi lá fazer essa conferência) que era da Escola de São

³⁵ O “aqui” tem sentido devido à proximidade geográfica entre Rio Claro e São Carlos, mas pode ser, também, reflexo de uma confusão usual entre o nome das duas cidades. Mas, sem dúvida, o professor Lindolpho refere-se a São Carlos. O atual Departamento de Matemática do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação-USP (ICMC/USP), de São Carlos, tem suas origens no Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC/USP) tendo sido criado já em 1953 com a fundação da EESC/USP. A organização do Departamento de Matemática ficou sob a responsabilidade do Prof. Achille Bassi que se empenhou em adquirir acervo bibliográfico e contratar pesquisadores qualificados para a formação de um centro de pesquisas em matemática. Desta forma, o Departamento já foi criado com uma Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado). O Departamento de Matemática foi então constituído pelos professores catedráticos Achille Bassi, Jaurèz Cecconi e Ubaldo Richard, além de alguns engenheiros que vieram da Escola Politécnica em tempo parcial, e fez parte da EESC/USP até 1971, quando foi criado o ICMSC/USP. (informações disponíveis em <www.icmc.sc.usp.br>, acesso em 07/11/2007). Em Rio Claro – cidade-sede do Seminário em que ocorreu a mesa redonda objeto desta atualização – a Seção de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras é posterior ao Instituto de Matemática de São Carlos (Cf. Nota 16), e não havia ainda sido criada à época do Primeiro Colóquio.

³⁶ Ainda em relação ao professor Achille Bassi: “A Universidade do Distrito Federal foi efêmera e com o advento do Estado Novo foi fechada em 1938. Em 1939 foi criada a Universidade do Brasil, com uma Faculdade Nacional de Filosofia. Lélío Gama afastou-se da Universidade e passou a se dedicar integralmente ao Observatório Nacional. Como havia acontecido em São Paulo, foram contratados para a Faculdade Nacional de Filosofia professores italianos para a área de matemática. Vieram os analistas Gabrielle Mammana e Alejandro Terracini [que permaneceu muito pouco tempo no Brasil], o geômetra Achille Bassi e o físico matemático Luigi Sobrero. Particularmente Bassi apresentava-se como um dos mais promissores jovens matemáticos italianos. Havendo passado uma temporada em Princeton e tendo sido aluno de Solomon Lefschetz, Bassi trazia à Matemática italiana elementos modernos, tais como a Topologia Algébrica. Seu trabalho sobre números de Betti havia sido reconhecido internacionalmente. A situação de Achille Bassi, que por razões pessoais não pode retornar com seus colegas, foi particularmente triste. Passou a dar aulas particulares e em escolas secundárias e em várias faculdades de menor expressão. Esse promissor matemático só veio retomar sua presença no cenário matemático brasileiro em meados na década de 50 /.../ quando foi contratado pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Um estudo da atuação matemática de Achille Bassi, particularmente no Brasil, merece ser feito” (D’Ambrósio, 1999).

Carlos; Omar Catunda, da USP, na época; o professor Carlos Alberto Aragão de Carvalho, da Escola de Filosofia do Rio, o Cecconi³⁷ da Escola de Engenharia de Engenharia de São Carlos; Elza Gomide; Maurício Matos Peixoto, da Escola de Engenharia do Rio e do IMPA; Paulo Ribenboim, que na época estava no IMPA; Ubaldo Richard, que também estava na Universidade de São Carlos (veja como São Carlos estava ativa nessa época); Flávio Reis, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica; o professor Miguel Maurício da Rocha, de Belo Horizonte, e o Mário Schenberg³⁸. Foram esses os que fizeram conferência – de bom nível, como já foi dito.

Tendo o Colóquio iniciado tão bem, combinou-se logo de se fazer outro Colóquio daí a dois anos. E daí para diante não se parou mais. Combinou-se que o Colóquio seria bianual e, neste mês de julho, nós vamos ter o 24º Colóquio Brasileiro de Matemática – quarenta e seis anos depois do primeiro. É... Fatos... É claro que isso foi aumentando, isso foi crescendo. Hoje o comparecimento é de mais de mil pessoas. Até um certo momento o Colóquio em geral foi feito em Poços de Caldas. O Terceiro foi feito em Fortaleza, mas como houve uma certa dispersão, voltou-se a fazer em Poços de Caldas. Num certo momento, com a nova sede do IMPA, a partir de oitenta e poucos (85, creio)³⁹ levou-se o Colóquio, que

³⁷ Jaurèz P. Cecconi orientou o trabalho de doutorado de Ubiratan D'Ambrósio, de 1963, intitulado Superfícies Generalizadas e Conjuntos de Perímetro Finito.

³⁸ Mário Schenberg (1914-1990) estudou na Faculdade de Engenharia do Recife, transferindo-se depois para a Universidade São Paulo. Em 1935, graduou-se em engenharia e em matemática pela USP. Foi cassado por motivos políticos e, retornando do exílio na Europa em 1953, foi nomeado diretor do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Com o AI-5, em 1969, Schenberg foi aposentado compulsoriamente e perdeu seus direitos políticos. Em fins da década de 1970, intensificou sua atuação política – que havia iniciado já na década de 1940, como deputado pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro). Mário Schenberg foi reintegrado à Universidade de São Paulo em 1979, tornando-se, em 1987, professor emérito.

³⁹ Sobre a mudança de sede do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, IMPA, no Rio de Janeiro, Elon Lages Lima, em depoimento, pontua: “Em 1981 nos mudamos para o Horto. Aqui temos o espaço, a amplidão, a paz bucólica da floresta, o conforto das instalações modernas e as condições de trabalho que nos permitirão seguir nosso caminho por anos e anos mais, mostrando que é possível existir no Brasil uma instituição científica de primeiro mundo. (Disponível em <http://webold.impa.br/AboutImpa/Historico/historico_depoimento.html>, acesso em 8/11/2007).

também foi se tornando mais especializado, com um nível mais alto, resultante do desenvolvimento do país, para o Rio. O número de participantes cresceu como cresceu o sistema brasileiro. Como eu disse, acho que o último teve umas mil e duzentas pessoas. Comparado com os cinquenta gatos-pingados de Minas Gerais...

Alguns fatos: como o Colóquio exatamente representa uma reunião dos matemáticos que estavam ativos em pesquisa no país – e alunos também – ele deu origem a decisões, foram tomadas decisões durante os Colóquios. Por exemplo, a criação desse programa chamado de Escola Latino-americana de Matemática, que foi aprovado em 1967, durante o 6º Colóquio. No 5º ou 6º Colóquio já se discutia muito a criação de uma Sociedade Brasileira de Matemática. Havia a Sociedade Matemática de São Paulo⁴⁰, mas não havia uma Sociedade Brasileira de Matemática. A Sociedade Brasileira de Matemática foi criada durante o 7º Colóquio, em 1969. Como eu sou um guardador sistemático de coisas, guardei o Relatório que a comissão fez (na verdade, a Comissão “em termos”: quem fez foi o Chaim e a Comissão aprovou). Ao terminar o Relatório, há algumas recomendações muito interessantes. A Comissão fez uma consulta geral aos participantes do Colóquio e concluiu o seguinte: *Recomendações: “A Comissão de Organização endossa a sugestão unânime de que se deva realizar um 2º...”* – naquele tempo chamávamos de ‘Colóquio Um – “...Brasileiro de Matemática daqui a dois anos, o que permitirá, inclusive, a plena efetivação dos planos e trabalhos elaborados neste Colóquio; deseja ainda que seja adotada, em futuros colóquios, a entrega prévia de notas mimeografadas dos cursos programados.” (Isso foi uma coisa sempre feita: a idéia de que o curso não escrito não seria dado); “...que tais colóquios tenham duração de duas a três semanas...” (hoje isso evoluiu: hoje é uma semana); “...que fica a cargo do IMPA a eventual constituição de uma comissão de organização

⁴⁰ Primeira sociedade de Matemática fundada no Brasil – em 07 de abril de 1945 – congregou matemáticos e professores de Matemática e teve dentre seus fundadores Omar Catunda, Candido Lima da Silva Dias, Luiz Henrique Jacy Monteiro, Benedito Castrucci, Fernando Furquim de Almeida, Oscar Zariski, André Weil e Edison Farah. Seu objetivo era estimular e manter o interesse na pesquisa em Matemática. A sociedade publicou 18 volumes do Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo que teve dezoito volumes. Em 1972 a Sociedade de Matemática de São Paulo foi dissolvida já que havia sido criada uma sociedade de matemática de âmbito nacional (Cf. Trivizoli, 2007).

para os futuros colóquios". São observações relativas aos Colóquios. E observações – agora de caráter geral – que são interessantes: “*a necessidade urgente de criação de uma literatura matemática brasileira de nível superior. Uma solução parcial, imediata, será a publicação de notas mimeografadas, apresentando cursos intermediários e de introdução à pesquisa para o leitor matemático brasileiro, nos diversos setores da matemática. 2. A necessidade de intercâmbio de professores entre os diversos centros regionais. Devido às dimensões verdadeiramente continentais do nosso país, tal intercâmbio só será possível com o apoio financeiro das entidades competentes. O início para o intercâmbio poderá se dar durante os períodos de férias e, futuramente, por períodos mais demorados. 3. Ampliação de concessão de bolsas dentro do país que permita ao estudante avançado, dos centros mais distantes, permanecer em centros como no Rio de Janeiro e São Paulo para assistir cursos intensivos.*” (Repare: não se falava, ainda, em pós-graduação). “*4. Tornar possível aos pesquisadores, por meio de bolsas adequadas, a saída periódica ao estrangeiro a fim de não perder contato com o desenvolvimento da Matemática nos grandes centros internacionais.*” (Aliás, nessa época, o CNPq, recém-criado, já vinha fazendo um programa intensivo, dentro das orientações da época, de mandar pessoas pra fazer pós-graduação no exterior). “*Seria do mais alto interesse insistir, junto às autoridades universitárias, sobre a importância para pesquisa que tem a instituição do ano sabático, com vista de possibilidade de viagem, de estudo e dedicação plena à pesquisa. 5. A importância e necessidade da presença, nos centros do país, de matemáticos estrangeiros, por períodos longos ou curtos. 6. A necessidade de incentivar e ampliar os atuais periódicos de matemática no Brasil.*” (Na época, havia dois que era a *Summa Brasiliensis Mathematicae* e o *Boletim da Sociedade Matemática de São Paulo*⁴¹, ambos extintos, mas que funcionaram).

⁴¹ Segundo Silva (2001) “o núcleo técnico-científico da FGV [Fundação Getúlio Vargas] fundou em 1945 a revista *Summa Brasiliensis Mathematicae*, periódico de nível internacional, com o objetivo de difundir os trabalhos de pesquisa matemática. Essa revista foi criada por Paulo de Assis Ribeiro”. Ainda que de modo breve, o artigo de Silva (2001) esboça um panorama das sociedades e revistas científicas brasileiras no período de 1889 a 1989. No depoimento de Maurício Matos Peixoto (cf. Motoyama, 2002), lemos o seguinte: “Quando participamos do

Para terminar, eu leio aqui a relação da comissão de organização: Alexandre Martins Rodrigues, de São Paulo; Alfredo Pereira Gomes, que estava em Pernambuco (português que estava em Pernambuco); Antônio Rodrigues, do Rio Grande do Sul; Cândido Lima da Silva Dias, da USP; Carlos Benjamin de Lyra, da USP; Chaim, da USP (Coordenador); Fernando Furquim, também da USP; José de Barros Neto (que nessa época estava na Economia da USP); eu; Luiz Henrique Jacy Monteiro, da USP; Maurício Matos Peixoto, do IMPA e Paulo Ribenboim, que estava no IMPA.

Essa é uma visão muito rápida sobre o que ocorreu e eu tenho certeza do sucesso. Acho que é uma das poucas reuniões organizadas neste país que tem tido essa duração, sem nunca falhar. No passado nós passamos por momentos bem difíceis. O 4º Colóquio, por exemplo, do qual eu fui Coordenador, foi terrível. Nós só acertamos o dinheiro do Colóquio dez dias antes de ele ser realizado. Eu estava com o telegrama pronto para suspender o Colóquio, mas aí o CNPq nos atendeu e fizemos o Colóquio. Outros tiveram mais sucesso, menos problemas. Mas sempre houve, sem nenhuma falha. De forma que eu acho que foi fundamental e houve grande influência e deu origem, diga-se de passagem, a vários outros tipos de reuniões, como Seminário de Análise, de Álgebra etc. que hoje são comuns aqui no Brasil. Mas o Colóquio continua sendo um marco no desenvolvimento da Matemática brasileira.

Mais uma vez eu agradeço o convite pra estar presente aqui. É um prazer. Estou pronto para responder as perguntas que venham a ser feitas. [Aplausos].

PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Professor Alberto de Azevedo, por favor.

PROFESSOR ALBERTO PEIXOTO DE AZEVEDO. Pois não. Bom, conforme o Ubiratan já ressaltou aqui, tanto ele quanto eu participamos do

núcleo de matemática da FGV, conhecemos o André Weil e O. Zariski, que vieram dar seminários, além de outros matemáticos renomados. O que buscávamos era a pesquisa, mas a única atividade então existente no Rio era a desse núcleo de matemática que editava a revista *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Esse nome foi sugerido por d. Hélder Câmara, que na época circulava pela FGV." (Cf. Garnica, op. cit., 2007a). Uma outra versão (Cf. Nota 47) aponta que o título da Revista foi dado por Francisco Mendes de Oliveira Castro que, inseguro sobre o latim, solicitou que D. Hélder Câmara o conferisse. Sobre o Boletim da Sociedade Matemática de São Paulo, ver nota anterior.

Colóquio na condição estrita de estudantes que éramos na época. Vou, então, me restringir a lembrar alguns pontos que me chamaram a atenção enquanto estudante. Eles certamente já foram mencionados pelos outros aqui da mesa – eu acho que praticamente todos os aspectos ocorridos no Colóquio já foram abordados – mas eu queria destacar alguns que eu guardo como recordação, na minha condição de aluno. O Primeiro Colóquio, todos sabem, foi realizado em Julho de 57 em Poços de Caldas, Minas Gerais. Quando eu recebi o convite para participar dessa Mesa Redonda, vi-me frente ao desafio de coletar lembranças de fatos ocorridos há quase 46 anos, tentando reviver minha experiência como participante daquele encontro. Por outro lado, sem dúvida, esta é uma boa oportunidade para tentar avaliar o significado do Primeiro Colóquio para o desenvolvimento da matemática brasileira, decorrido tantos anos. Diversos dos meus colegas de mesa já abordaram alguns desses aspectos. Formei-me em Engenharia Eletrônica em dezembro de 55, decidido a seguir uma carreira como matemático. Comecei minha carreira como estagiário do IMPA, em março de 56, usufruindo de uma bolsa de aperfeiçoamento do CNPq. Nessa época, o IMPA havia sido fundado a menos de cinco anos. A partir de 57, fui terceiro assistente do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Nessas atividades, participei de seminários, desenvolvi estudos individuais e cursei duas disciplinas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil. Era, na época, o que hoje em dia se chama ‘um estudante de pós-graduação’. Ocorre que, naquela época, o termo não era usado e nem existia um Curso de Mestrado em Matemática no Brasil. Um bom número dos participantes do Colóquio – desse Primeiro Colóquio – tinha experiência matemática semelhante à minha, essa que eu acabo de descrever. Quem consultar a relação dos participantes verá eu, o Ubiratan e muitos outros... nós estávamos exatamente nesta situação. No decorrer do primeiro semestre de 57, acompanhei com interesse e entusiasmo as notícias sobre a realização do Primeiro Colóquio em Poços de Caldas, através das circulares elaboradas pela Comissão Organizadora e que eram enviadas para as diferentes instituições brasileiras de Matemática.

Fomos para Poços de Caldas, não é? O primeiro grande impacto do Colóquio foi, sem dúvida, conhecer outros matemáticos brasileiros. Até então, eu só conhecia matemáticos do Rio – do IMPA, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, da Escola Nacional de Enge-

nharia e da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil – e, durante a minha graduação, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos. Nessa época, no Brasil, viajar era difícil. Os deslocamentos de uma cidade para outra não eram comuns como hoje em dia. A rede rodoviária brasileira era bem mais modesta. Basta dizer que, naquela época, havia uma linha aérea entre o Rio e Poços de Caldas. Alguns de nós fomos para Poços de Caldas de avião, porque o transporte rodoviário era realmente muito... muito ingrato. Muito ingrato! O Colóquio foi uma oportunidade única para conhecer matemáticos de outros lugares, de outros cantos do Brasil. Do Ceará, de Pernambuco, de São Paulo – tanto São Paulo capital, como de Campinas, São Carlos e São José dos Campos – e do Rio Grande do Sul. Era um embrião da comunidade matemática brasileira. E é um fato bastante celebrado que a comunidade matemática brasileira possui um alto grau de integração. Essa integração teve início no Primeiro Colóquio e foi intensificada nos colóquios posteriores. O ambiente do Palace Hotel facilitava o contato entre as pessoas, propiciando troca de idéias e de experiências. Sem dúvida, o alto grau de integração da comunidade matemática brasileira foi um dos fatores determinantes de seu desenvolvimento e o Primeiro Colóquio foi um marco neste processo.

Um segundo ponto a comentar são os cursos. Todos eles redigidos de antemão e abrangendo diferentes campos da matemática: Teoria dos Números Algébricos, Teoria de Galois, Geometria Diferencial, Álgebra Multilinear e Variedades Diferenciáveis, Topologia Algébrica, Análise Funcional (estou me referindo aos cursos dos quais eu participei; houve também outras atividades de nível mais elevado, não é?). Ter os cursos totalmente redigidos – impressos – por ocasião do início das atividades tornou-se uma tradição mantida em todos os colóquios posteriores. Foi o início da construção de uma vasta literatura matemática em português. Com aulas diárias, o empenho dos participantes era notório. O período da manhã era livre e grupos de estudos trabalhavam, horas a fio, tanto pela manhã como à noite, para poder acompanhar as aulas. A concentração dos participantes em um único hotel facilitou – de muito – essa interação. Havia muito empenho e muito entusiasmo. Nos estados de origem não eram oferecidos cursos de nível equivalente. Além dos cursos, o Colóquio contemplava também um ciclo de conferências. Este modelo – cursos em diferentes níveis: elementar, médio e avançado; conferências e prioridade na participa-

ção de jovens no início de suas carreiras (que mais tarde contemplou, inclusive, alunos em nível de graduação) – tornou-se uma marca registrada dos colóquios. Este modelo serviu de paradigma na organização das futuras Escolas. Estou me referindo às Escolas de Álgebra, de Geometria, de Topologia, entre outras, e que, hoje em dia, fazem parte do calendário de reuniões matemáticas brasileiras. Nesse sentido, o Colóquio foi inovador e serviu de mola propulsora na ampliação da comunidade matemática brasileira.

Essas considerações mostram a importância do Primeiro Colóquio: expansão da comunidade matemática brasileira – isto é, o alto grau de integração dessa comunidade – e a existência, hoje em dia, de uma boa literatura matemática em português. Tudo isto está intimamente ligado ao processo desencadeado no Primeiro Colóquio. Todos esses resultados foram frutos desse formato inovador dos colóquios. O Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática realmente marcou minha carreira. Sempre me lembrei desse acontecimento no desenvolver da minha carreira como matemático.

Concluindo, eu gostaria de fazer uma pequena observação sobre os participantes do Colóquio; eu queria fazer uma sugestão. Na década de 80, o editor da Universidade de São Paulo publicou ‘Uma História das Ciências no Brasil’⁴² em três volumes: havia um capítulo relativo à Matemática, que foi redigido pelo Chaim Hönig e pela Professora Elza Furtado Gomide. Dentre outras informações, este capítulo contém uma fotografia⁴³ de um grupo de participantes do Primeiro Colóquio, com a identificação de cada uma das pessoas que aparecem na foto. Por falta de outra referência, esta foto tem sido considerada como uma foto de todos os participantes do Primeiro Colóquio. Uma análise ligeira mostra que não é o caso, pois alguns dos participantes

⁴² Trata-se do livro editado por S. Motoyama e M. D. Ferri, *História das Ciências no Brasil* (EDUSP, EPU: 1979) cujo capítulo intitulado *As Ciências Matemáticas*, no primeiro volume, é de autoria de Chaim S. Hönig e Elza F. Gomide. (Cf. Dias, op. cit., 2000)

⁴³ O XXVI Colóquio de Matemática (Rio de Janeiro, 29/07/07 a 03/08/07) comemorou os cinquenta anos desse encontro. O material de divulgação trouxe um registro fotográfico (o mesmo registro antes divulgado no texto ao qual o professor Alberto Azevedo faz referência, reproduzido também nesta textualização) de quarenta dos quarenta e nove participantes do primeiro encontro.

não fazem parte do grupo. Acho que seria interessante aproveitar essa oportunidade e registrar esse ponto nos anais da conferência: uma relação completa dos participantes do Primeiro Colóquio. Queria agradecer essa oportunidade de expressar essas impressões de um aluno, estudante, sobre aquele Primeiro Colóquio. (aplausos)



PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Muito obrigado. Uma das coisas que, eu acho, nós todos aprendemos no Colóquio foi falar dentro de limites, ser muito preciso; e com isso, dar mais tempo de participação aos outros. Eu agradeço aos meus amigos, professores, amigos, colegas que aceitaram vir fazer parte desta mesa e lembrar (repito o que todos já disseram) um momento – talvez o mais importante – da História da Matemática no Brasil. Primeira pergunta.

PROF. SERGIO NOBRE. É, de fato, a história viva. Essa relação entre os professores e os participantes do evento... Eu tenho duas perguntas. A primeira é: teve alguma atuação da Sociedade Paulista de Matemática na organização do evento, do Colóquio?

PROF. UBIRATAN D'AMBROSIO. Sociedade Matemática de São Paulo.

PROF. SERGIO NOBRE. É, a de São Paulo... teve alguma atuação?

PROF. CHAIM. Éramos tão poucos... a reunião toda tinha 49 pessoas. Então, em São Paulo, o Jacy, o Lyra e eu participando, a Sociedade Matemática de São Paulo estava participando, não é? (Risos). Nem tínhamos preocupação de formalização, não havia essa preocupação. O único aspecto formal, claro, era lá com o CNPq, com relação ao auxílio. No resto não. Não havia preocupação deste tipo.

PROF. SERGIO NOBRE. E a segunda, é que vocês pudessem contar um pouquinho (o professor Alberto começou a contar... e eu acho de extrema importância) sobre esses momentos de conversa nos corredores do hotel. Esse momento em que se reuniam alguns professores e alguns alunos, discípulos, que queriam conversar, queriam saber... Pelo que eu percebo na participação em eventos, é muito importante esse momento de bate-papo num coquetel, num corredor, isso é muito importante. Só mais algumas palavrinhas sobre isso...

PROF. CHAIM. Quem não conhece o Palace Hotel, não pode... É um hotel muito grande, em dois aspectos: era um hotel de luxo, num lugar de luxo, um belíssimo local. E o Palace Hotel tinha um corredor, lá no meio, de uns cinqüenta metros, e as pessoas sentavam ao lado do corredor, conversavam e etc. E não era muito agradável sair do Hotel por causa do frio que fazia. Então éramos forçados a falar sobre Matemática. (Risos) O segundo aspecto é que o Palace Hotel em Poços de Caldas foi escolhido por exclusão. Não queríamos fazer lá. Escolhemos outro lugar, não deu certo. O Hotel foi lembrado. Então a reação de alguns da comunidade foi assim: “Poxa vida, o CNPq vai pagar para matemático fazer uma reunião num hotel de luxo, num lugar de luxo?”. Não era verdade, não é? O hotel era barato. O jogo tinha acabado, então o hotel estava às moscas. Era uma época em que o jogo foi proibido. Então era o único modo de encher o hotel. A direção do hotel (estou exagerando um pouco) ficou tão desesperada que aceitaram os matemáticos, não é? (Risos)

PROF. LINDOLPHO. Chaim, para fazer justiça, nós conversamos com o governo de Minas – que era dono do hotel – e o governo de Minas deu ordem explícita para baixar o preço para a gente. Quer dizer, houve uma contribuição do governo de Minas nesse aspecto.

PROF. CHAIM. Lindolpho...

PROF. LINDOLPHO. Não, é um fato real, não é?

PROF. CHAIM. E nós tínhamos direito a uns banhos no balneário, que normalmente era extremamente caro...

ANDRÉ MATTEDI (Universidade Federal de Feira de Santana-BA): Boa noite. Eu gostaria de saber como foi a seleção dos estudantes que participaram do Colóquio e de quais estados eram provenientes.

PROF. CHAIM: Não houve seleção de alunos. Os que participaram foram encaminhados pelos professores... Havia tão pouca gente interessada em Matemática que todos eram bem vindos, e ficou comprovado que esse critério de seleção foi bom. Hoje isso é impraticável.

ANDRÉ MATTEDI: E de quais estados eles vieram?

PROF. LINDOLPHO: Eu tenho aqui a relação: doze pessoas do Rio de Janeiro: nove vieram da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo; da Faculdade de Ciências Econômicas da USP vieram dois; de São José dos Campos sete; de São Carlos quatro; de Porto Alegre cinco; do Recife quatro; Fortaleza três; de Campinas um (o Ubiratan), um estrangeiro de Grenoble, e houve mais algumas pessoas que foram apenas fazer conferências, como eu já mencionei. São esses.

ANDRÉ MATTEDI: Houve alguma repercussão nas Escolas Politécnicas sobre o Colóquio? Por exemplo, no contato com o professor Camargo⁴⁴, da Escola Politécnica de São Paulo, ou de catedráticos de Escolas Politécnicas de outros estados... como eles responderam ao Colóquio?

PROF. CHAIM: Durante décadas, os matemáticos, os que faziam Matemática, eram os engenheiros, e quando foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo houve muito ressentimento⁴⁵, mas algumas décadas depois isso já tinha acabado. Essa história se repetiu quando se criou o Laboratório Nacional de Computação Científica, o LNCC, pois os engenheiros eram os que calculavam, e foi uma confusão, pois criou-se uma instituição especial para isso e, novamente, houve uma reação dos engenheiros que julgavam que se estava entrando na área deles. Mas eu diria que isso é natural para todas as

⁴⁴ José Octávio Monteiro de Camargo, falecido em 1963, foi professor de Matemática da Escola Politécnica de São Paulo.

⁴⁵ O ressentimento entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Politécnica está vinculado a uma disputa ocorrida, em meados da década de 1930, entre Camargo e Catunda: “Pouco antes da chegada de Fantappiè havia se realizado um concurso para a Cátedra de Cálculo – talvez precipitado pela iminente chegada de matemáticos que poderiam ser concorrentes à posição – e concorreram a ela dois jovens engenheiros com forte inclinação matemática, José Octávio Monteiro de Camargo e Omar Catunda. Como era freqüente, na época, nos concursos para as escolas superiores, algumas questões legais foram levantadas e levaram o judiciário a suspender o concurso e dar provimento provisório a Camargo. Com a criação da Faculdade de Filosofia, Catunda tornou-se assistente de Fantappiè”. (D’Ambrósio, 1999). Ver também, sobre essa questão, Marafon (2001).

áreas: quando se criou a Filosofia os médicos não gostaram da criação do Departamento de Biologia e assim por diante.

PROF. LINDOLPHO: O Chaim deu a visão de São Paulo. No Rio de Janeiro havia a Escola de Engenharia que não tinha nenhuma tradição de pesquisa. Na Escola de Engenharia do Rio havia um curso de Engenharia até razoável, havia professores que eram homens cultos etc, mas não havia atividade de pesquisa na Escola de Engenharia. Houve pessoas isoladas que trabalhavam com Matemática quando eu fui aluno, na década de 50. Quando Maurício Peixoto entrou lá, por concurso, para ocupar a cadeira de Mecânica, ele iniciou um grupo, ensinando, trabalhando com um grupo que foi o primeiro núcleo de pesquisa na área de Matemática lá na Escola de Engenharia. Então, no Colóquio, da Escola de Engenharia, veio o Maurício Peixoto, e aquilo era meio confuso. Éramos tão pouca gente... éramos da Escola de Engenharia, mas éramos também do IMPA e também do CBPF⁴⁶, e a gente circulava por ali. Então, da Escola de Engenharia, veio o Maurício Peixoto... mas não tinha mais ninguém, na Escola de Engenharia, que fizesse pesquisa em Matemática... e vieram, é claro, algumas pessoas da Faculdade de Filosofia. Posteriormente, muito posteriormente, é que se criou a COSUPI, e se desenvolveu pesquisa na Universidade do Rio de Janeiro, na área de tecnologia.

CIRCE DYNNIKOV (Universidade Federal do Espírito Santo): Inicialmente eu gostaria de cumprimentar a mesa pelos excelentes depoimentos prestados aqui, que foram muito elucidativos para nós. Eu tenho uma pergunta para o professor Chaim – talvez o professor Azevedo possa também responder. Eu senti falta de dois nomes de matemáticos ativos naquele período, que foram o do professor Leopoldo Nachbin e o professor Francisco de Oliveira Castro⁴⁷. A esses dois nomes eu não ouvi nenhuma referência

⁴⁶ O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas foi criado em 1949, antes mesmo da criação do Conselho Nacional de Pesquisa, principalmente devido ao prestígio que os trabalhos de César Lattes vinha obtendo no exterior. Outro fundador do CBPF é o professor José Leite Lopes. Foi a primeira instituição brasileira a atuar na área de pós-graduação em Física e foi incorporada ao CNPq em 1976. (Cf. <http://portal.cbpf.br>). Dado que a fundação do CBPF é anterior à criação do IMPA, vários matemáticos – dentre eles Leopoldo Nachbin – estiveram a ele vinculados.

⁴⁷ Francisco Mendes de Oliveira Castro, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, foi assistente de Lélío Gama na Universidade do Distrito Federal. No interessante depoimento disponível em www.cle.unicamp.br, o professor Oliveira Castro comenta sua carreira e o cenário científico de sua época de atuação, e curiosamente, assume a paternidade do título da revista *Summa Brasiliensis Mathematicae*.

e eles eram ativos... talvez o professor Azevedo possa nos falar sobre isso, pois ele era do CBPF naquela época. Tenho também uma pergunta para a professora Elza Gomide. A senhora falou bastante do professor Carlos Benjamin Lyra, e eu tenho uma questão que é mais curiosidade mesmo: ele foi indicado, numa determinada época, para ser pesquisador associado do IMPA, e parece que a passagem dele pelo IMPA foi muito curta. A senhora saberia dizer alguma coisa a esse respeito?

PROF. ALBERTO DE AZEVEDO: Com relação ao professor Leopoldo, no relato do Chaim ele já mencionou o contato com o Leopoldo para o lançamento da idéia do Primeiro Colóquio. Por ocasião da realização do Primeiro Colóquio, o professor Leopoldo Nachbin estava fora, estava nos Estados Unidos, na Universidade de Princeton, e permaneceu lá por um período de dois anos. Mas ele participou não só desse primeiro contato. Depois, mais tarde, participou de uma reunião que houve durante um simpósio no México, de Topologia Algébrica, em que brasileiros – inclusive o Elon, que estava no exterior – se reuniram para discutir a formatação do Primeiro Colóquio. Então o Leopoldo esteve presente, na organização do Colóquio, mas não na execução, pois ele estava no exterior. Sobre o Francisco Mendes de Oliveira Castro eu realmente não sei, pois ele era da Escola de Engenharia. Talvez o professor Lindolpho se recorde.

PROF. LINDOLPHO: O professor Oliveira Castro era um excelente matemático aplicado professor de Medidas Elétricas da Escola de Engenharia. Ele não quis ir. Ele era muito ligado ao Maurício Peixoto e devia ter algum compromisso... Eu convivi muito com ele, foi um prazer ter convivido com o professor Oliveira Castro. Em relação ao Carlos Benjamin Lyra, essa é uma pergunta muito interessante. Quando o IMPA foi criado, em 1951, a idéia original era que ele tivesse uma característica de um instituto nacional, pertencente que era ao CNPq, e se admitia a idéia do IMPA contratar professores para trabalhar em outros lugares. Houve um caso em que funcionou assim: foi o Lyra, contratado pelo IMPA para trabalhar na Universidade de São Paulo. Durante um ano ou dois anos, o Lyra recebeu pelo IMPA, trabalhando no Departamento de Matemática da Universidade de São Paulo. Ele não trabalhou “fisicamente” no IMPA, mas naquele tempo ninguém era contratado – era bolsista. Na verdade, os professores do IMPA até 1965 – eu me lembro de ter alguns professores contratados em

1962 – mas de 52 a 62 não tinha ninguém contratado: ganhava mediante recibo, não tinha segurança nenhuma... um dia até eu comentei: se a gente tiver um derrame é melhor morrer logo porque não tem como ficar no hospital... Em 1965, quando o Conselho virou uma Fundação, teve que contratar todo mundo pelas regras da CLT e a partir daí tivemos um excelente esquema de carreira que serviu de base para a atual carreira de pesquisa que existe lá no IMPA.

SANDRA (Universidade Federal do Espírito Santo): Como todos nós sabemos, na história da Matemática as mulheres são raras. Aproveitando a presença da professora Elza⁴⁸, eu gostaria de saber se havia mulheres no Primeiro Colóquio, quantas eram...

PROFA. ELZA GOMIDE: Havia outras mulheres, sim. A Marília⁴⁹, a Eliana⁵⁰, a Francisca Torres (que era de Porto Alegre). Mas eram bem poucas... estamos lá, na fotografia⁵¹...

ARMINDO CASSOL (Unisinos): Temos Seminário, temos Encontro... “Colóquio” – por que esse nome?

PROF. CHAIM: A verdade era *Coloquium*.... dá respeitabilidade, não dá? (Risos) Mas eu tenho a impressão que a partir do segundo já mudou para Colóquio... Mas, sem brincadeira, não era um Congresso, não era um Seminário, e achamos que a palavra adequada seria Colóquio.

PROF. UBIRATAN: Eu me lembro de ter feito uma pergunta parecida a esta para o professor Furquim e então ele fez algumas considerações sobre o que seria uma Simpósio, um Congresso... eu me lembro, sim, de uma conversa nessa direção. Mas o nome é um nome (Risos).

PROFA. MARGER DA CONCEIÇÃO VENTURA VIANA (Universidade Federal de Ouro Preto): Na fala do professor Chaim, eu ouvi algo sobre uma reunião que ocorreu em Ouro Preto antes do Primeiro Colóquio, onde foram feitas perguntas sobre Topologia, Análise Funcio-

⁴⁸ A professora Elza Gomide foi a primeira mulher a doutorar-se na Universidade de São Paulo, ainda na primeira fase da pós-graduação da USP (Silva, 1996).

⁴⁹ Marília Chaves Peixoto (1921-1961) foi a primeira esposa de Maurício Matos Peixoto.

⁵⁰ Eliane Ferreira Rocha.

⁵¹ A fotografia “oficial” do Primeiro Colóquio retrata, também, Lise Rodrigues, esposa do professor Alexandre Augusto Martins Rodrigues.

nal... (Se eu ouvi bem). Eu gostaria de saber mais sobre essa reunião. A outra pergunta é sobre o matemático Alfredo Pereira Gomes - eu gostaria de saber algo sobre ele. Aqui já se falou que ele era português e estava em Pernambuco em 1957...

PROF. CHAIM: A reunião de Ouro Preto era a reunião da SBPC⁵², em 1956. Lá eu fiz uma conferência de Matemática e surgiram muitas perguntas sobre Álgebra Moderna, Topologia etc. Então eu pensei que poderíamos fazer uma reunião dando cursos sobre isso. Só havia cursos sobre isso em São Paulo e no Rio. Então, como eu mencionei, eu passei pelo Rio, falei com Leopoldo Nachbin, voltei para São Paulo e ele imediatamente falou com o Couceiro, do CNPq, e quando cheguei em São Paulo já havia um telegrama comunicando que havia sido aprovado 500 mil, de um dia para o outro. A organização naquela época era desse tipo. A escolha dos cursos foi feita posteriormente. Essas perguntas em Ouro Preto é que me deram a idéia do Colóquio, pois percebi que havia muita gente interessada em Matemática avançada. A idéia original era fazer cursos elementares e avançados, mas aí se achou que os cursos elementares dariam muito trabalho... Quanto à outra pergunta: Alfredo Pereira Gomes foi para o Recife com outros professores portugueses. Ele havia feito doutoramento na França. Ele e os outros professores não podiam permanecer em Portugal por razões do regime político daquela época⁵³ e foram então para o Recife onde tive-

⁵² Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, fundada em 1948. No ano de 1956, quando ocorreu a edição de Ouro Preto à qual o prof. Chaim faz referência, o presidente da SBPC era Anísio Teixeira. (cf. www.sbpnet.org.br)

⁵³ “Ao final da década de 1940, o regime fascista português desencadeara uma das maiores ofensivas contra a universidade portuguesa, em particular, afastando importantes matemáticos de suas posições acadêmicas privando-os, inclusive, de seus direitos políticos e impedindo-os de exercerem suas profissões em terras lusitanas. Em vista disso emigraram para o Brasil os matemáticos José Morgado, Alfredo Pereira Gomes e Manuel Zaluar Nunes, que se fixaram na Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, onde posteriormente foi trabalhar outro matemático português: Ruy Luiz Gomes. /.../ Para o estado do Paraná foi o professor João Remy T. Freire [em 1952] /.../ que tinha sido assistente de Bento de Jesus Caraça na Universidade de Lisboa. /.../ Em 1959 esteve em Salvador, Bahia, também tangido por ventos salazaristas, o doutor J. Tiago de Oliveira.” (Silva, 1996). Ainda sobre a vinda de matemáticos portugueses ao Brasil, citamos Antonio Aniceto Rodrigues Monteiro, que foi contratado para trabalhar no Rio de Janeiro (em época próxima à contratação de Mammana, Sobrero e Bassi). Monteiro, por não ter seu contrato renovado, partiu para a Argentina em 1949.

ram uma excelente atuação. Quando o regime político em Portugal mudou, em 1965, eles foram reintegrados às universidades portuguesas.

JOÃO BOSCO PITOMBEIRA (PUC-Rio): Em primeiro lugar eu gostaria de parabenizar a organização desse evento por essa mesa redonda que foi algo extremamente comovente: ver pessoas que atravessaram, batalhando, um período decisivo, para a criação de uma comunidade matemática no Brasil. Acho que foi uma oportunidade rara que tivemos aqui, ouvindo esses depoimentos. Acho que temos um preito de gratidão muito grande para essas pessoas que ajudaram a formar essa comunidade em nosso país que, hoje, é de nível internacional. [Aplausos]. Eu gostaria de salientar – não é uma pergunta, mas talvez algum membro da mesa possa comentar – que no Brasil, naquela época, havia pequenas ilhas, de comunicação difícil. Se não tivesse havido os Colóquios, não teria havido uma uniformização, uma única nomenclatura e terminologia matemática no Brasil. Os termos estrangeiros seriam traduzidos diferentemente em cada uma dessas pequenas ilhas e seria difícil a comunicação. O Colóquio teve esse aspecto decisivo, de fixar uma língua comum para a Matemática no Brasil. [Aplausos].

EVERALDO (aluno de graduação da USP): Dada a importância dos Colóquios, os encontros que sucederam esse primeiro Colóquio, depois do golpe militar, e na época da ditadura, tiveram alguma intervenção direta, exercida pelo poder militar, pela ditadura, na época?

PROF. CHAIM: Sofreu-se uma conseqüência indireta, dado que diversos Departamentos de Matemática foram afetados e, nisso, também a Matemática no país foi afetada e, conseqüentemente, o Colóquio, pois essa situação pode ter dificultado a presença desses profissionais no Colóquio. Mas nunca houve ingerência direta no Colóquio.

PROF. LINDOLPHO: A partir de 1965, eu fui indicado diretor do IMPA e fiquei lá por muitos anos (e isso não teve nada a ver com a Revolução). Na verdade, o setor de Matemática brasileiro, uma das características dele, é que as pessoas eram muito pouco envolvidas com política. Em particular, no IMPA. De modo que, eu diria, os problemas que houve com a Matemática no período da Revolução foram pequenos, diferente do que houve com a Física, com a Biologia, com as Ciências Sociais. Em particular, no Colóquio – e eu fiz parte das comissões de organização até o sétimo ou oitavo Colóquio – eu nunca me lembro de

problemas nesse sentido, e aliás, coincidiu que as décadas de 60 e 70 foram uma época muito boa do ponto de vista orçamentário, foi uma época em que tivemos muita facilidade com o dinheiro que vinha do BNDE, depois da FINEP, do próprio CNPq e, realmente, na montagem dos programas dos Colóquios, nunca tivemos problema. O mais crítico que houve foi o Colóquio de 1963 – o quarto Colóquio, do qual eu fui coordenador – foi o mais difícil que houve, pois o Conselho estava numa crise, sem dinheiro, tudo atrasou, quase que não sai o Colóquio... mas acabou saindo e tudo deu certo. Agora, certamente, do ponto de vista militar, da Revolução, isso não teve nenhuma influência no Colóquio. Foi diferente do que houve com a SBPC, por exemplo, em que houve problemas, mas nesses eventos havia uma conotação política, e nos Colóquios existia apenas uma conotação profissional.

OTÁVIO (professor da Prefeitura de São Carlos e de Araraquara): Eu quero fazer uma provocação. Atualmente todas as conferências das grandes Sociedades de Matemática do País têm espaço para discussão em Educação. O Colóquio evolui, mas não se fala em Educação e em Educação Matemática. Por que, com toda essa evolução, o Colóquio não poderia reservar uma parte para discussões nesse sentido? Isso estaria relacionado com algum tipo de rivalidade entre a SBEM⁵⁴ e a SBM⁵⁵? Eu não sei se a pergunta é pertinente.

PROF. UBIRATAN: Essa é uma questão, no fundo, de vocação: a vocação do Colóquio é pesquisa em Matemática, e o Colóquio tem se pautado pela pesquisa desde sua primeira edição. Notemos, por exemplo, a primeira pergunta que aqui foi feita, sobre o contato entre o Colóquio e as Escolas de Engenharia: elas estão de certo modo ausentes do Colóquio pois não se reconhecia pesquisa em Matemática nessas instituições. E eu acho que nesse campo de atuação nesses Colóquios, não se pensou em se construir um espaço para a Educação assim como não havia um espaço para a escola. Falava-se sobre isso, mas depois criou-se a SBEM.

⁵⁴ Sociedade Brasileira de Educação Matemática, criada em 1988.

⁵⁵ Sociedade Brasileira de Matemática, fundada em 1969 durante o VII Colóquio Brasileiro de Matemática.

OTÁVIO: Eu pergunto isso, pois há alunos de Licenciaturas que, como eu, frequentam os Colóquios. Eles vão, se assustam, e nada se fala sobre Educação...

PROF. LINDOLPHO: O Colóquio evoluiu... No primeiro Colóquio só houve os cursos avançados. Com o tempo, começaram a existir os Cursos de Verão, todas essas atividades e hoje, inclusive, o Colóquio dura apenas uma semana e é dedicado intensamente à pesquisa. Paralelamente, se desenvolveu uma grande atividade com associações de professores ligadas ao Ensino de Matemática. Existem reuniões – enormes até –, de modo que o que está acontecendo é o seguinte: do mesmo modo como está acontecendo aqui essa reunião de História da Matemática... o pessoal da História tem a sua reunião, o pessoal da Educação tem a sua reunião, o pessoal da pesquisa... A Sociedade Brasileira de Matemática se dedica muito a essas questões, e tem publicado uma série de livros sobre Educação Matemática. Não é que haja um desinteresse: a questão, como disse o Ubiratan, é uma questão de especialização, de vocação.

PROF. UBIRATAN: Eu acredito que até passamos um pouquinho do tempo previsto. Eu particularmente gostei demais, depois de tantos anos... sempre a gente se encontra, mas se encontrar numa ocasião dessas, para lembrar aquelas três semanas, deliciosas, importantes na vida de todos nós e na vida da Matemática brasileira, foi uma oportunidade muito, muito, muito boa. Eu agradeço imensamente aos quatro colegas aqui presentes e a todos que aqui estiveram presentes. Muito obrigado.

REFERÊNCIAS

BARROSO, J. A.; NACHBIN, A. (orgs.) (1997). *Lembrando Leopoldo Nachbin*. Rio de Janeiro: Divisão Gráfica da UFRJ.

D'AMBRÓSIO, U. (1999). *História da Matemática no Brasil: uma visão panorâmica até 1950*. *Saber y Tiempo*, vol. 2, n. 8, Julio-Diciembre, pp. 7-37.

DIAS, A.L.M. (2000). *História da Matemática na Bahia: uma "curiosidade"?* *Sitientibus*, Feira de Santana: UEFS, n.23, pp. 59-88.

GARNICA, A.V.M. (2007a). *Resgatando Oralidades para a História da Matemática e da Educação Matemática Brasileiras: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. *Revista Brasileira de História da Matemática*. Rio Claro: SBHMat, v. 07, pp. 247-279.

GARNICA, A.V.M. (2007b). *Resgatando Oralidades para a História da Matemática e da Educação Matemática Brasileiras: o Movimento Matemática Moderna*. *Zetetiké*, FE/CEMPEM: Unicamp. (no prelo).

MARAFON, A. (2001). *Vocação Matemática como Reconhecimento Acadêmico*. Tese. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP.

MAURO, S. *A História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e suas contribuições para o movimento de Educação Matemática*. Dissertação. Mestrado em Educação Matemática. IGCE-UNESP-Rio Claro, 1999.

MOTOYAMA, S. (org.). (2002). *50 anos do CNPq: contados pelos seus presidentes*. São Paulo: FAPESP.

MOTTA, O.S., BUENO, Y.R.. (2000). *50 anos do ITA: 1950-2000*. São José dos Campos: Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

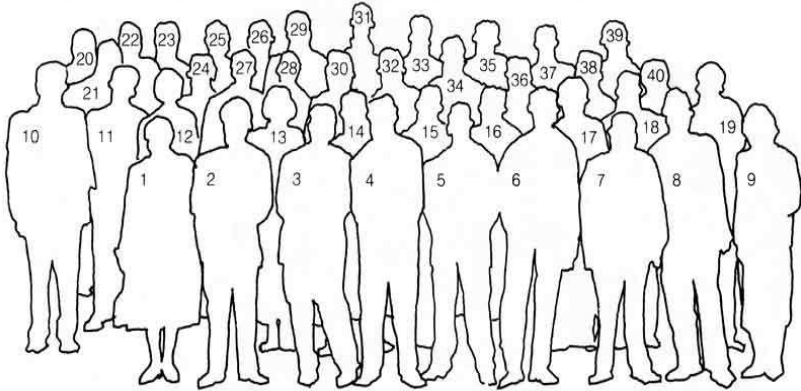
SILVA, C.M.S. da. (1997). *No Paraíso dos Símbolos: surgimento da Lógica e da Teoria dos Conjuntos no Brasil*. In BOMBASSARRO, L.C. e PAVIANI, J. (orgs.). *Filosofia, Lógica e Existência*. Caxias do Sul: EDUCS, pp. 141-168.

SILVA, C.P. da. (1996) *Sobre a História da Matemática no Brasil após o período colonial*. *Revista da SBHC*. n.16, pp. 21-40.

SILVA, C. P. da. (2001). *Sociedades e revistas científicas fundadas no Brasil entre 1889 e 1989*. *Revista Uniandrade*. Curitiba. v. 02, n.3. pp. 01-14.

TRIVIZOLI, L.M. (2007) *Algumas Sociedades de Matemática no Cenário Nacional e Internacional*. *ANAIS*. Encontro Brasileiro de Estudantes de Educação Matemática (EBRAPEM/2007). Curitiba: UFPR.

Crédito das figuras: As figuras presentes nesta textualização foram reproduzidas a partir do site do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (http://www.impa.br/opencms/pt/eventos/extra/2007_coloquio/CBM26/index.html). Acessado em 23/02/2007) e fazem parte do material de divulgação do XXVI Colóquio de Matemática (Rio de Janeiro, 29/07/07 a 03/08/07), quando se comemorou os cinquenta anos desse encontro.



1. MARILIA CHAVES PEIXOTO
2. CARLOS BENJAMIM DE LYRA
3. MAURICIO MATOS PEIXOTO
4. CHAIM SAMUEL HÖNIG
5. DOMINGOS PIZANELLI
6. PAULO RIBENBOIM
7. ARY NUNES TIETBÖHL
8. OMAR CATUNDA
9. LISE RODRIGUES (SRA. A.A.M. RODRIGUES)
10. JOSÉ DE BARROS NETTO
11. DJAIRO GUEDES DE FIGUEIREDO
12. ELZA GOMIDE
13. FRANCISCA TORRES
14. LINDOLPHO DE CARVALHO DIAS
15. ALBERTO DE CARVALHO PEIXOTO DE AZEVEDO
16. WALDYR MUNIZ OLIVA
17. MORIKUNI GOTO
18. ROBERTO FIGUEIREDO RAMALHO DE AZEVEDO
19. ALEXANDRE AUGUSTO MARTINS RODRIGUES
20. ANTONIO RODRIGUES

21. CANDIDO LIMA DA SILVA DIAS
22. GILBERTO FRANCISCO LOIBEL
23. CARLOS ALBERTO ARAGÃO DE CARVALHO
24. CONSTANTINO MENEZES DE BARROS
25. MILTON CARVALHO MARTINS
26. FRANCISCO CAVALCANTI
27. MANFREDO PERDIGÃO DO CARMO
28. ELIANA FERREIRA ROCHA
29. ANTONIO GERVÁSIO COLARES
30. JONIO PEREIRA DE LESMES
31. NELO DA SILVA ALLAN
32. NELSON ONUCHIC
33. UBIRATAN D'AMBRÓSIO
34. ERNESTO BRUNO COSSI
35. GEORGES REEB
36. LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO
37. MANOEL TEIXEIRA DA SILVA FILHO
38. RENZO PICCININI
39. ARTIBANO MICALI
40. FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA

1º COLÓQUIO BRASILEIRO DE MATEMÁTICA - JULHO DE 1957